

ENSAIOS LITTERARIOS

DO

ATHENEO PAULISTANO.



Sessão magna de 26 de Julho de 1857.

No dia 26 de Julho de 1857 foi solemnizado o quinto anniversario da inauguração do—Atheneo Paulistano.—

Sempre que no horisonte desponta a aurora do dia venturoso, que lhe deu a existencia, o Atheneo acode cheio de jubilo ao templo magestoso da sciencia. Ali, ante o altar sacrosanto da immortalidade, elle colhe novas palmas em troco de suas penosas campanhas; ali seus choros brilhantes elevão aos ceos um canto melodioso de glorias. N'esses momentos de tão santa alegria e sublime entusiasmo, o demonio da discordia busca foragido o mais profundo do antro empestado, onde possa sepultar o despeito de seu rosto hediondo!

A sessão começou com o discurso elegante do Snr. Bacharel Castro Silva á quem, d'esta vez ainda coube a cadeira presidencial pela ausencia do Presidente Honorario, o Illm. Snr. Dr. Carrão. Seguiu-se-lhe, como de costume, o relatorio do 1.º Secretario, o Snr. Duque-Estrada Teixeira, que soube embellezar com as flores do estylo facil e abundante, que todos lhe conhecemos, um assumpto tão arido e espinhoso.

Obteve igualmente a palavra o Orador da Associação, o Snr. Couto de Magalhães; seu discurso, como sempre, mereceu geral approvação.

Eloquentes vozes representarão as gloriosas irmãs em lettras do Atheneo Paulistano, o discurso do Snr. Silva Carneiro adquirio immortaes louros ao—Ensaio Philosophico—esse infatigavel campeador das lides litterarias, ao passo que o—Ensaio juridico—agora na primavera dos annos, se coroou de uma aureola luminosa pelo discurso do seu Orador o Snr. Gomes de Menezes. Cabe-nos agradecer a ambas essas Associações o propicio acolhimento ao convite, que lhes dirigio o Atheneo.

Tiverão depois a palavra os Snrs. Siqueira Bueno, Galvão e Nabuco de Araujo, cujos bellos discursos vierão dar maior realce á nossa festa de lettras.

A sessão foi concorrida por algumas pessoas notaveis d'esta Capital, entre as quaes teve o Atheneo o praser de contar alguns de seus

membros honorarios, os Exms. Snrs. Gama Cerqueira, Tavares Bastos, Machado de Oliveira, e Corrêa de Sá. A todos dirige elle por meio de seu Jornal um voto de gratidão e reconhecimento.

M. V. Tosta, 2.º Secretario.

RELATORIO

**que ao—Atheneo Paulistano—apresentou o
1.º Secretario Luiz Joaquim Duque-Es-
trada Teixeira, na sessão magna
de 26 de Julho de 1857.**

SENHORES.

Só forçado pelo indeclinavel desempenho das obrigações de meu cargo, aventurar-me-hia a traçar e a ler perante vós uma nova pagina da vida desta Associação, quando o bello livro de sua historia ha sido até aqui escripto por tão habeis pennas.

O—Atheneo Paulistano—um desses *oasis* que rarissimos surgem em meio do vasto e esteril deserto do materialismo e indifferença, que desgraçadamente reinão em nosso paiz pela sancta causa das letras, encetou, como sabeis, o affanoso drama de sua existencia a 15 de Julho de 1852, e foi solememente inaugurado em um dos anniversarios d'esse dia glorioso em que o sopro de Deos aviventando o seio do Brasil, fel-o erguer-se grande e sublime, arrojando ás faces descordadas do oppressor os rotos grilhões de opprobriosa e longa escravidão. Desde então tem o—Atheneo Paulistano—medrado á sombra propicia do grandioso monumento do Ypiranga, fortalecido pelo almo calor do fulguroso sol de nossa independencia, que de seus raios resplendentes lhe tem aclarado o roteiro difficil. Já um lustro conta elle. Sois todos sabedores de suas lutas e palmas, de seus padecimentos e jubilos durante os quatro primeiros annos, devo por minha vez desenrolar ante vossos olhos o quadro de 1856 a 1857; por minha vez ainda, não conseguirei cobrir a tela só de alegres e vivas côres.

E' inconcebivel, causa até pasmo, Senhores, o atrazo das sciencias, das letras e das artes em nosso peiz cujas sabias e liberaes instituições, fertilissimo e esplendido solo, heroicas e bellas tradições offer-tão ao estadista e ao legislador em brilhante theatro, uma fonte inexaurivel de inspirações ao poeta e ao artista, assumptos originaes e fecundos ao litterato e ao historiador, immenso e precioso campo ás investigações do sabio. Nada disso aproveitou quanto devera. Nossos governantes porfiados em seu zelo quasi exclusivo pelos melhoramentos materiaes, em demasia abandonão o cultivo dos elementos moraes de nos-

sa sociedade; mas nem dest'arte prospera nossa industria nem importantes victorias ganhamos sobre o mundo material. Ainda habem pouco, Lord Palmerston excitava estrepitosas gargalhadas no parlamento britanico, dizendo que tão apoucados são nossos recursos que até as pedras de nossas calçadas do estrangeiro nos vem! Fallar-vos no acanhamento das sciencias entre nós, mostrar quão pouco utilizamo-nos das riquezas de nosso torrão, seria repetir cousa sediça e comesinha.

A patria litteratura que qual largo e polido espelho deveria reflectir a magestosa e sublime opulencia de nossa natureza, nossas crenças usos e costumes, mesquinha se mostra e abaixo do fastigio a que convinha alcandorar-se. Ella que em seu alvorecer tão valiosos thesouros nos promettia, estacionaria é ou imperceptivelmente progride. Nosso theatro, notoriamente, jaz atrophiado e quasi nullo. As promessas se não realisão, o risonho futuro que os escriptos de Penna, dos Snrs. Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre e muitos outros brasileiros illustrados e de subido engenho nos fazião augurar, ainda bem remoto se divisa, apezar do apparecimento dos *Tamoyos* e de certo movimento e impulso que se manifesta em o nosso mundo litterario. As patrias tradições ahí ficão no chão poento do olvido, sem que alguem se lembre de levantá-las, de animá-las com uma centelha de seu engenho, de adereçá-las com os adornos de seu estylo, de fazel-as reviver emfim na scena e nos livros. Não appareceu ainda o poeta que banhando-se nas puras ondas do Amazonas ou do Prata, inspirando-se com a contemplação intima de nosso firmamento, com os concertos inauditos das harmonias profundas de nossas florestas seculares, inebriando-se com a fragancia suave de nossas flores, tenha podido dizer: Minha musa é o Brasil! com a voz convicta com que o inimitavel Berranger exclamou:—*Le peuple c'est ma muse.*

Nossas vistas continuão a fixar-se cheias de admiração sobre as obras de Basilio da Gama, Santa Ritta Durão, Caldas e Claudio Manoel da Costa, rival de Metastasio e essa pleiade de poetas de precioso merito que illustrão nosso sombrio passado. O Brasil livre, independente, vê-se forçado a buscar os mais bellos florões de sua corôa, nos fastos litterarios do Brasil colonia, do Brasil escravo!

Se considerarmos o que vai lá por alem mares—a opulencia da contemporanea litteratura portugueza; se contemplarmos os exforços de seus cultores, acharemos de que corar. Não careço nomear os seus patriarchas, Garrett, A. Herculano; bastão os trabalhos de seus discipulos para sobrelevarem em quasi tudo os feitos de nossos compatriotas. Contentando-me com só indicar um ponto, que jornaes litterarios possuimos nós que oppor ao *Trovador de Coimbra*, á *Revista Peninsular*, á *Illustração Luso-Brasileira*? Acaso dar-se-ha isto por incapacidade nossa? não tres vezes não! E' escusado declarar as causas de nossas desvantagens, ninguem as ignora, tratemos de removê-las e mostraremos a Portugal, ao universo, até que altura podem elevar-se os brasileiros engenhos.

O Instituto Historico que pretende ser o nosso centro litterario, nenhum monumento digno de nós ha elevado. A Historia do Brasil que um de seus socios publicou recentemente com grande apparatus de annuncios, merece mais o nome de apontamentos que de historia, vem ornado de reflexões muitas vezes irrisorias, sobre a nossa legislação, por exemplo, sobre o Corcovado e outras mais.

O Instituto dos Advogados, aliás credor de toda a consideração, olvida cumprir um rigoroso dever: o de dar á publicidade um jornal que enriqueça os annaes de nossa jurisprudencia com o fructo das discussões e estudos sobre nossas leis, d'esses abalisados juriconsultos e advogados que elle encerra em seu gremio. Quando a Allemanha, a França e mais paizes da Europa, que regulão-se por sabias e completas legislações, essas mesmas que nos servem de modelos, empenhão-se em constantes discussões sobre diversos pontos de seu direito e alimentão innumeras revistas juridicas de que são collaboradores seus mais distinctos publicistas e juriconsultos, o que não deverão fazer os nossos a respeito de uma legislação obscura, complicada e incompleta?

Nossa imprensa finalmente, não é o grande tympano que repercute os reclamos da patria; não é mais essa pujante e bella primogenita de nossa emancipação politica, que sabia agrupar em torno do auri-verde pendão os defensores das patrias liberdades, como outr'ora o escudo sagrado dos druidas, com sua voz sonora convocava os sacerdotes da Gallia heroica. Hoje pelo contrario repercute ella o som metallico e gelido da moeda, da venalidade, que em vez de mover-nos o coração com patrioticos sentimentos, nol-o enerva e degrada. Que os jornaes que intrepididos na estacada se apresentam a cumprir a alta missão, abráo para si uma excepção n'esta censura. A esses tributa a mocidade academica, toda sua adhesão, e sinceros applausos.

Fortes são pois os obices com que temos de contrastar, altas as barreiras que destruir, antes que chegemos a cumprir nosso patriotico desideratum; com cedo devemos preparar-nos e cobrar vigor para bem duas pelejas. Louvores áquelles distinctos academicos que seguindo as vozes de suas almas generosas, determinarão a fundação destas associações, que franqueando-nos uma tribuna que nos amestra nas discussões, e convidando-nos á redacção de jornaes em que publicamos as primeiras tentativas de nossas intelligencias juvenis, facilitarão-nos não só a acquisição da eloquencia « essa poesia da palavra, » como diz Paignon, essa deusa prestigiosa, soberana das assembléas e por cujas inspirações tão grandes feitos se praticão, como tambem o manejo da imprensa, essa diamantina alavanca do progresso, esse fannal radioso que João Guttemberg, como o genio da moderna civilisação, elevou ha mais de quatro seculos para guiar a humanidade em seu caminhar para Deos. Louvores áquelles briosos mancebos que se compenetrarão e se compenetrão destas bellas palavras de Alvares de Azevedo:—« A regeneração litteraria de nossa terra deve sahir do meio de nós. Phalange do progresso, não ha ficarmos immoveis. Co-

mo ao Aashvero da tradição uma voz nos brada sempre — caminha. »

Principiarei portanto a occupar-me agora immediatamente deste relatorio, lamentando o transvio desses nossos companheiros, que nos recusão seu proficuo auxilio, mormente dos que chegão a contestar acerrimamente as vantagens destas instituições e não deixão produzir-se um facto, nem publicar-se uma folha que não salpiquem logo com a peçonhença baba de malevola e implacavel satyra.

E' este o mal primeiro e mais geral que nos persegue; a despeito delle porem vejo com satisfação, e vol-o declaro, que o numero de nossos consocios segue uma constante progressão. Durante minha secretaria forão propostos e aprovados 49 socios effectivos; destes, 2 o forão duas vezes; entrarão 37, depedirão-se 9, recensou o titulo 1, 12 perderão o direito por não terem tomado assento durante o prazo legal, pela disposição do art. 11 dos nossos Estatutos.

Conta actualmente o Atheneo 85 socios effectivos, mais 23 que ao tempo do meu illustrado antecessor.

Socios honorarios forão aprovados 13; destes aceitarão o titulo 4, ficando os outros officiados, sem que delles tenhamos ainda obtido resposta. Existem presentemente ao todo 41. Só um socio correspondente foi proposto e aprovado e esse mesmo não respondeu ainda ao officio de participação. O numero dos socios desta cathegoria continua pois a ser de 34.

Nossas finanças estão em excellente pé, devemos isto tanto á generosidade de nosso ex-consocio o ex-thesoureiro, que por officio de 23 de Julho do anno proximo passado quiz constituir-se, apezar da recusa do Atheneo, devedor da quantia roubada durante sua thesouraria; já aos multiplicados esforços de nosso incansavel e digno consocio o Snr. Caetano Xavier da Silva Pereira Filho, que tem sabido manter nossa thesouraria na melhor ordem e abastança. Isto fez com que a illustre commissão de redacção pudesse publicar os seis numeros dos *Ensaio Litterarios* pertencentes ao anno de 1856. Os deste anno sahirão breve, já dois estão no prélo.

Em sessão de 3 de Setembro desse mesmo anno foi nomeada uma commissão para dar o seu parecer ácerca dos requisitos exigiveis para a aquisição do titulo de socio benemerito e protector, duas novas cathegorias, cuja creação, como já se declarou no relatorio passado, foi submettida á decisão da casa, por proposta de 11 de Julho do anno findo. Está encerrada a discussão sobre esse parecer; não foi porem ainda votada a proposta por se não haver uma só vez effectuado a reunião dos dois terços de membros exigida pelos nossos Estatutos para a votação de reformas constitucionaes.

A 7 de Setembro desse mesmo anno celebrou o Atheneo com a habitual pompa, sua sessão solemne em saudação ao anniversario de nossa Independencia. Mas embora nenhuns esforços se poupassem para exornar das mais bellas gallas, dos mais fragrantés e viçosos festões o seu recinto, com magoa confesso, que não vi acordar-se nessa

sessão aquelle enthusiasmo, que, como uma faisca electrica, costumava communicar-se sempre a todos os assistentes e expandir-se nos mais eloquentes e patrioticos discursos, nos mais arroubados hymnos. Nessa occasião nenhum poeta quiz juntar os inspirados cantos de sua lyra aos dois unicos discursos que alem dos officiaes forão então recitados. Tivemos tambem que lamentar a ausencia de nosso digno presidente honorario.

Em sessão de 23 de Setembro decidio-se que se remetteste jornaes da Associação aos principaes periodicos, bibliotecas e gabinetes de leitura do Imperio, sendo uma commissão nomeada para apresentar uma lista delles, o que fez em sessão de 15 de Outubro, em que foi lido e aprovado seu parecer.

Nestas mesmas sessões decidio-se mais que nenhuma these fosse discutida sem que previamente se apresentasse sobre ella um parecer.

A 8 de Outubro pedio demissão de seu cargo de 2.º secretario, que até então c havia exercido, o nosso consocio o Snr. João Alvares de Siqueira Bueno, e por eleição de 15 do mesmo mez foi succedido pelo Sur. Manoel Vieira Tosta que ao completo desempenho de suas obrigações deve a honrosa e expontanea reeleição que ainda nesse cargo o conserva.

Entendendo o Atheneo Paulistano convir modificar o seu systema de finanças a fim de mais seguramente prover á satisfação de seus dispendios, foi a 18 de Março do anno corrente nomeada uma commissão que apresentasse um parêcer a respeito, o qual apresentado, foi pela casa aprovado com algumas modificações.

Só duas vezes deixou de haver sessão, e isto por motivos plausiveis. Mas se esta assiduidade de nossos socios é louvavel, não deixarei com tudo passar sem reparo um facto reprehensivel que algumas vezes se deu, e foi o de ter sido nosso presidente effectivo obrigado a levantar a sessão por se não achar presente numero legal antes de findar a hora. E' de esperar que para o futuro se não repitão essas occurrencias de que tanto transtorno provem para o bom andamento da associação.

Tres vezes forão nossas sessões honradas com a presença de socios honorarios. Das 12 theses aprovadas, 10 forão discutidas senão com profundeza ao menos com notavel intelligencia e algumas vezes eloquentemente.

Passando agora a tratar das relações externas do Atheneo, direi que algum augmento tiverão, cumprindo declarar antes de tudo, que o obstinado e inexplicavel silencio que o *Instituto Historico* tem guardado para conosco, não se dignando responder nem as nossas communicações nem accusar a recepção dos jornaes que lhe remettiamos, fez com que o Atheneo unanimemente votasse a suspensão de tal remessa, decidindo-se que fosse isto exarado em acta, como significando a extranhese que tal procedimento lhe causava. Para mim tenho que bem procedemos, porquanto não esmolamos favores nem mendigamos

protecção, contamos apenas com sympathias a que temos direito, com um brado de animação e conforto: mal haja áquelle que desconhece e nega divida tão legitima!

Alem das relações que continuamos a entreter com o *Ensaio Philosophico Paulistano*, nosso velho companheiro recentemente travamos outras com o joven *Ensaio Juridico Paulistano*, que por officio de 22 do corrente participou-nos sua existencia e offereceu-nos sua alliança, e que hoje já vereis concorrer á esta nossa festa.

O Atheneo teve mais o prazer de receber o anno passado alguns numeros de um pequeno e interessante periodico litterario denominado *Saudade*, impresso no Rio de Janeiro e cuja remessa infelizmente não continuou. Recebemos ainda dois numeros do bem redigido *Semario da Capital da Provincia do Espirito Santo* e alguns do *Clarim Litterario*, apreciavel publicação da associação *Arcopago Litterario de Pernambuco*, que assim indirectamente nos participou sua existencia e ao qual já o Atheneo enviou officio em que lhe agradecia essa participação e lhe rogava aceitasse amizade e os ardentes votos que faz por sua prosperidade.

Finalmente recebemos um volume da *Memoria Historica da Provincia de Santa Catharina* pelo Major Manoel Joaquim d'Almeida Coelho que veio acompanhada de um officio do Exm. Presidente da mesma Provincia, a que já agradecemos e ettenciosamente respondemos.

Só me resta fallar-vos das eleições que se effectuarão nas sessões de 4, 8 e 15 do mez que corre. E' excusado dizer-vos que, como sempre recahirão os suffragios naquelles que os merecião, e que se um momento a discordia pensou insinuar-se entre nós, bem de pressa vio-se repellida e se os nossos corações um instante se confrangerão tocados de resentimentos, hoje restabelecida se acha a harmonia e elles não são mais que as caçoulas em que ardem, quaes delicados perfumes, fraternal amizade e sentimentos de fervente dedicação para com o Atheneo Paulistano.

LITTERATURA.

AS LETTRAS NO BRASIL.

Há uma verdade hoje proverbial entre os historiadores; é que todo o povo que começa a existir é sempre uma raça de Titães, que opera prodigios. Isto nota se na antiga Grecia, em Roma no tempo dos reis, e nos primeiros tempos da Republica. Os povos da media idade na renascença fizeram milagres nas lettras. Nunca a curiosidade humana o amor do estudo, as indagações scientificas, o ardor pelos grandes modelos da Grecia e Roma forão mais fortes n'outras idades. A Allemanha do fim do seculo passado despertou-se com tão grande entusiasmo pelos trabalbos da intelligencia que fez voltar para ella os

olhos de todas as nações da Europa, principalmente os dessa França sempre heroica, sempre amante de tudo o que é bello, grande, admiravel. A mesma França, depois das guerras do primeiro Imperio, e com a volta da paz. Os exemplos são innumerados. Elles ampliam essa asserção dos historiadores de que fallamos, e mostram que os grandes e incommensuraveis productos da força e actividade humanas, não se encontram somente no começo da carreira dos povos, mas também nas eras de renovação, de restauração, de despertar de alguma lethargia. Será esta theoria também exacta quanto á America? Se olharmos para os Estados da União Americana, ella é plenamente justificada. O que o povo Americano tem operado em tão pouco tempo é na realidade espantoso. Mas o mesmo se póde dizer a respeito das outras nacionalidades Americanas? Quem o poderá affirmar a vista do estado miseravel destas fracas e inconsideradas Republicas em outro tempo sujeitas á Hespanha? Agora olhando para nossa patria, temos de confessar que ella também nada de grande tem feito para atrahir a si a attenção do mundo. Concebemos que facilmente se poderá explicar o estado lastimoso em que se achão os Estados outr'ora sujeitos á Hespanha. A mobilidade e inconstancia, a corrupção e a molleza dessa raça abastardada, a anarchia constante, a falta de governos fortes e de boa vontade, tudo isto póde explicar sua falta de progresso.

Mas o Brasil não se acha nas mesmas circumstancias.

O Brasil tem um governo legal, forte, e regular; seus filhos são pacificos, e amigos de suas instituições, e entretanto não tem dado passos de gigantes. Parece que com tão boas disposições, e com recursos grandiosos que possui, devia representar na America um papel mais brilhante. Apesar de tudo, olhando as cousas de perto, não se deve accusar os Brasileiros; elles tiveram de lutar e lutão ainda contra muitas difficuldades e obstaculos. Em primeiro lugar a metropole sem forças e decadente poucos beneficios e vantagens lhe deixou. Devemos considerar ainda que tendo passado de um governo absoluto para um governo livre, elle muito trabalhou para assentar com firmeza suas caras instituições.

Depois notaremos, que se os recursos materiaes são immensos, o numero dos Brasileiros é mui diminuto para rivalisar com os Norte-Americanos.

Quanto, ao pouco vulto que apresentam as lettras no Brasil, tem suas causas especiaes, que mostraremos.

He incontestavel que em nosso paiz abundão os talentos, que uma mocidade bastante intelligente frequenta as nossas Acadêmias, que ha um desejo immenso e profundo de crear uma litteratura patria, e que a despeito de tudo isto pouco temos caminhado neste sentido.

Uma causa evitente deste nosso estado é a falta de um centro que illumine e esclareça o paiz, que resuma em si as mais altas aspirações intellectuaes da sociedade, como Paris o faz para a França, e Londres para a Inglaterra, e que o Rio de Janeiro ainda não o faz para o Brasil.

Outra causa da nossa pequenez intellectual é a ausencia de homens proprios para fazer rebentar do seio de um povo uma nova litteratura, ou renova-la e reatar as tradições do pensamento, quando ella é decadente, ou quasi extincta.

Nós fallamos da Allemanha nos ultimos annos do seculo passado, e na França depois da queda do primeiro imperio. A primeira por uma cega admiração dos modelos francezes tortura seus instinctos, renega seu genio e suas tradições; o scepticismo francez do seculo XVIII leva o desanimo a seu seio. E' verdade que nesse tempo que dissemos vagos desejos havião no paiz de deixar andrajos estranhos, de abandonar as formas estrangeiras ja mui usadas, de voltar aos sentimentos nacionaes. Homens proprios para aviventar, ou para fixar e dirigir esses desejos, apparecerão. Klopstock, Lessing, Gœthe, Schiller, eis os grandes nomes, eis as glorias da Allemanha no seu renascimento litterario. Klopstock com seus canticos patrioticos e sua *Messiada*, nos quaes elle tinha exprimido o ardente patriotismo e as fortes crenças de sua alma fez estremecer seus compatriotas. Esse coração candido e fervente devia ser escutado, elle tinha padecido por suas crenças. Lessing, a intelligencia universal, que abraçava quasi todas as materias scientificas, que cultivava a poesia, e dotada de uma energia e de uma actividade incrivel, prestou infinitos serviços á Allemanha. Gœthe, o espirito que se amoldava a muitos generos de composição, e a diversas inspirações, o creador do *Fausto*, de *Gætz de Berlichingen* e de *Egmont*, de *Werther*, e de *Wilhelm Meister*, soube naturalizar no seu paiz as puras formas gregas. Schiller, o poeta sentimental e sombrio, o forte pensador, que ao mesmo tempo que meditava as theorias Kantiannas, escrevia a *Morte de Wallenstein*, o Dom Carlos, aonde pintou com côres tão aterradoras a antipathica figura de Philippe II, o tyranno da Hespanha; o autor da *Historia da guerra dos trinta annos*, o dramaturgo tão applaudido nos theatros de Mannheim, e de Weimar inundou a Allemanha com as effusões de sua alma.

Que nomes! Que talentos capazes de encher de orgulho, e despertar uma nacionalidade, ainda que tivesse cahido no marasmo o mais profundo!

A effervescencia foi grande. A Allemanha entoou canticos de gloria a esses reis do pensamento e em seu odio contra a litteratura franceza ajudado pelos rancores politicos, chegou a excessos. Ainda em nossos dias a patria de Luthero conta em seu gremio desses genios crentes, activos, perseverantes, e infatigaveis, que servem tão efficazmente um paiz e sua litteratura. Entre todos sobresahe a interessante figura de George Gottfried Gervinus, que compoz a *Historia da poesia allemã*, obra monumental, segundo diz um sabio critico, e superior a todas as suas importantes produccões. Gervinus sympathisa extraordinariamente com Lessing porque são espiritos da mesma tempera, dotados ambos de uma actividade inimitavel, e apaixonado como é pela grandeza de sua patria, e impaciente por vel-a representar um

papel politico mais importante por meio da união politica de toda a Allemanha, tem servido suas vistas quer como professor com sua calorosa palavra nas Universidades de Gættingue e Heidelberg, quer como escriptor, em suas obras e em seus artigos nos jornaes politicos e litterarios.

Agora se olharmos para a França devemos considerar seu estado depois de sua grande revolução. No furor da destruição do passado, ninguem tinha pensado no dia seguinte ao da queda das velhas crenças, e das antigas instituições. Depois de passada a tormenta, e terminada a obra, depois dos dias de anarchia, e de frenesis sanguinarios, e das bachanaes da populaça, quando se pensou na situação presente, achou-se no vacuo, as decepções forão grandes e amargas, então como que houve um desanimo geral, um desgosto de acção se apoderou dos espiritos, um mysticismo sonhador dominava as almas, muitos querião reconstruir o passado (empreza vã!) outros continuarão n'um scepticismo sem alimento, porque não havia mais que destruir, alguns desejavão uma nova reconstrucção mas não tinham dados para ella, tendencias indeterminadas atormentavão todos os animos. Nestas circumstancias, dous genios, que são duas maravilhas no nosso seculo, abrirão um novo campo, onde a razão e a imaginação franceza podessem expraiar-se. Todos conhecem os serviços feitos á litteratura franceza por Chateaubriand e Madame de Stael. O primeiro chamou seus compatriotas, depois de tantos desvarios, ás crenças de seus pais, e a supplicar diante dos altares do Crucificado o perdão de suas culpas. A França leu com avidez o poeta que lhe revolvía o coração e lhe saciava a sede de crença. A outra era uma destas mulheres raras de que poucos seculos se honrão, que reunia a uma viril intelligencia e a uma calorosa imaginação, a meiga sensibilidade e todas as delicadezas de um coração feminino. Dotada de uma desmedida curiosidade, atravessou o Rheno, e com sua sagacidade e agudez de intelligencia comprehendendo o genio dos povos do Norte, abriu as portas da patria de Gøethe ao espirito francez, introduzindo assim nas veias da França um sangue novo.

Estes dois genios exercerão-se em materias diversas. Chateaubriand era poeta, historiador, politico, critico, romancista e erudito; Madame de Stael applicava-se tãobem á poesia, á critica, ao romance, á politica, á historia. Ambos viajarão e fizeram conhecer ao seu paiz as idéas adquiridas nos seus cursos pelo mundo.

Sabe-se que influencia exercerão sobre os espiritos em França, e seus successos no mundo.

Emfim ha um paiz, que mais claramente mostra que necessidade tem uma litteratura em agonia de um homem de genio e perseverante para fazel-a reviver, e quanto um tal homem póde realizar: é Portugal. Sua situação intellectual no principio do seculo XIX era a mais lamentavel. Eis que o Visconde de Almeida Garrett faz reviver a intelligencia no paiz de Bernardim Ribeiro, de Ferreira, e de Camões.

Garrett era o homem mais habilitado para semelhante empreza. Imaginação summamente flexivel, sensibilidade exquisita, espirito penetrante, creando em quasi todos os generos litterarios, desenhando quadros brilhantes com uma maravilhosa facilidade, elle animou a mocidade e conduzio-a por diversos caminhos com ousados exemplos sempre coroados pelo successo. A diversidade de suas creações espanta, e mais ainda o bom exito.

Ora se nações mais adiantadas necessitarão desses seres privilegiados, desses audazes talentos, dessas intelligencias superiores, que diremos do Brasil joven, e, posto que viçoso, vacillando nos seus primeiros passos por falta da experiencia adquirida com a acção, e que tem a crear uma litteratura? E se até o presente não temos encontrado um talento arrojado e resolutto que nos brade—Mocidade Brasileira, mocidade intelligente e ambiciosa dos louros da gloria, a quem offusca e incita a vista do vosso brilhante futuro, eu conheço vossos desejos, eu comprehendo vossos secretos tormentos, vosso louvavel ardor, eu serei o vosso chefe e vos mostrarei os caminhos a seguir—será porque a nossa terra é pobre de capacidades? Quem o diria? Affirmal-o seria falta de bom senso, e um insulto ao bello paiz de Santa Cruz. Não, o paiz que no tempo colonial, em que a instrucção era offerecida a nossos pais por migalhas e á custa de fadigas e amarguras tão numerosas, e que a despeito de todos os obstaculos vio surgir em seu seio Basilio da Gama, Santa Ritta Durão, Frei Francisco de São Carlos, Souza Caldas, Gonzaga, Antonio José, Claudio Manoel, e tantos outros, não é um terreno esteril de intelligencias. E na verdade esses que referimos são altos engenhos que não desmentem nossa vitalidade intellectual. E quem negará que o *Uruguay*, o *Caramurú*, a *Assumpção da Virgem*, *Marilia de Dircéo* e tantas outras produções brasileiras do tempo colonial merecem uma seria attenção da critica, que notasse e fizesse sobresahir suas grandes bellezas e seus meritos incontestaveis? Seus auctores são bem dignos de que vingamos do esquecimento, em que a ingratitude os tem deixado, os nomes daquelles que de alguma sorte concorrerão para o que somos.

O Brasil emancipado, que offerece a seus filhos a instrucção em muito mais vasta escala não podia deixar de apresentar um bello espectáculo. Certo que o Brasil actual apresenta vocações superiores que o honrão. O Sr. Porto-Alegre, a prodigiosa imaginação, despertada ao contemplar ás magestosas e inefaveis scenas da natureza Americana, que nos fragmentos do seu *Colombo* e em alguns outros poemas mostrou a que altura póde elevar-se a Musa Brasileira, é um poeta que póde avultar entre os primeiros poetas do mundo. E não se pense que vaidades nacionaes nos levão a esta asserção. Que se leia os fragmentos do *Colombo* e que se nos diga se nelles ha um verso a desprezar, se a forte inspiração do poeta decahe alguma vez. Desde o principio ao fim da leitura, elles sustem e conservão o peito offegante; ha frases, ha palavras que arrancão brados de arrebatamento.

A descida de Boabdil do throno, a descripção de Alhambra, o Torneio, o episodio de Neogeo e Abbadão tudo, tudo é grande. Que primores da arte humana! E a respeito do ultimo a imaginação humana em seus mais arrojados vôos já excedeo a pintura da disputa e da luta entre os Anjos do bem e do mal?

O Sr. Porto-Alegre é tãoobem antiquario, pintor, erudito, critico, e um habil orador.

Os Brasileiros pôdem ufanar-se perante a Europa de possuirem um homem tão eminente, e consideral-o como um titulo de gloria.

O Sr. Magalhães na verdade tem bem merecido do Brasil. Suas sublimes composições forão lidas, forão apreciadas com avidez por todos os nacionaes. A nossa litteratura com o seu apparecimento teve algum impulso. Como que houve um estremecimento geral no Brasil quando pela primeira vez a nossa patria ouviu as melodiosas vozes do grande poeta nacional. Em todos os corações havia um pressentimento—o nascimento rico e forte da litteratura Brasileira.

Nos theatros da Capital e das provincias o joven poeta foi applaudido com enthusiasmo. Seus versos ficarão gravados na memoria de seus compatriotas. Embriagado por tantos triumphos, em vez de progredir na sua carreira, de satisfazer as necessidades da intelligencia em seu paiz impaciente de conquistas intellectuaes, o Sr. Magalhães deixou-se distrahir pela diplomacia, que lhe tem roubado um tempo precioso, e abandonou a sua melhor corôa de gloria.

O Brasil ufana-se tãoobem de contar entre seus filhos a M. A. Alvares de Azevedo. Parecia mais uma imaginação impressionada pelos tojos, e pelas montanhas eternamente cobertas de gelo, pelos pinheiros e carvalhos seculares, e desabroxada ao sol baço e nevoento, e ao soprar dos frigidissimos ventos do Norte da Europa; do que uma intelligencia vivificada pelos raios abrasadores de um sol tropical, e expandida ao contemplar as maravilhosas bellezas da nossa natureza Americana. Seu sentir era forte e energico, seu dizer era sombrio. Ora grave e melancolico faz pensar seriamente na vida, ora, desesperadamente sarcastico, nos precipita em um septicismo amargo e desolador. Mas atravez de tudo descobre-se o Brasileiro com todos os seus almejos de futuro para a patria, com todo o seu amor do verdadeiro e do bello.

E olvidaremos a Gonçalves Dias, o poeta tão querido, tão amado, tão festejado, o poeta que deu a suas poesias côres tão Americanas, relevos tão Brasileiros? Sua vocação manifestou-se em Coimbra no meio dessa mocidade portugueza tão cheia de esperanças, que produziu tantos primores á sombra de seus dois immortaes chefes Garrett e Herculano, e que ainda hoje trabalha na grande obra de ressuscitar pelas lettras a gloria da antiga Lusitania.

E não temos ainda o Sr. J. M. de Macedo, o romancista jovial, faceto, de estylo ameno e fluente, o poeta terno e sensível?

E o auctor do Noviço, talvez o mais nacional de todos, e que ja

não existe? E o Bacharel Bernardo Guimarães? Se quizessemos citar ainda, iríamos muito longe, porquanto nas Academias do Imperio muitos talentos tem apparecido.

Mas de todos estes altos engenhos que o nosso paiz vio nascer nenhum tem sabido immortalisar-se, e por grande que seja sua capacidade nenhum tem tomado a forte resolução de lançar-se a todas as fadigas, de soffrer todas as contradicções e obstaculos, e de realizar um dos mais bellos e importantes pensamentos do homem, de satisfazer uma necessidade urgentissima, que o paiz tanto sente. Havia de soffrer, e muito, as amarguras se accumularião em seu peito, a inveja lhe faria carantonhas, a critica cobarde e vil se atiraria a elle, e seu merito seria depreciado; mas, que importa? muitos corações o comprehenderião; seu valor, e o resultado de seus serviços ahi estarião para vingal-o.

O que é certo, o que temos como evidente, é que symptomas de renovação existem no Brasil, que os interesses materiaes não estarão perpetuamente enthronizados no Brasil, que a nossa patria não está destinada a ser dominada por Adam Smith e J. B. Say, mal interpretados, que sabe comprehender e apreciar Homero e Dante, Platão e Descartes, Buonaroti e Raphael, Haydn e Rossini, Phidias e Cellini, que as lettras se hão de levantar corajosas, e confundir com seu brilho offuscador essas turmas de semsabores que as redicularizarão, e que tomando ares de importancia pretendem dominar a nossa sociedade. Nós cremos fortemente, e a Providencia não nos desmentirá, que esses tolos insipidos, que por ahi vagão no nosso paiz, que se dão todos a vaidades despresiveis, e preconizão os gosos materiaes, se verão em breve tratados como merecem, e conhecerão o seu lugar.

Se até aqui as lettras não tem tido amplos desenvolvimentos no Brasil, se a falta de estimulos não as tem alimentado, se talentos superiores, como Porto-Alegre e Magalhães, não se tem apoderado da occasião de dirigil-as e servil-as conforme suas necessidades e circumstancias actuaes, não convem desanimar; Deos vela sobre nós, genios de todas as aptidões apparecem no Brasil, que se lhe dedicarão com todas as forças de um esclarecido patriotismo. O que é necessario é que entre a mocidade Brasileira que se entrega o estudo, em cujo coração arde o sagrado amor da patria, a quem pertence o futuro, não haja odios mesquinhos, criticas injustas, rivalidades vergonhosas, mas em vez disso o abraço fraternal, a benevolencia geral, e uma desinteressada apreciação de todos os meritos, e de todas as vocações. São os nossos votos.

Ferreira Dias.

Cantos da Solidão.

(IMPRESSÕES DE LEITURA.)

Quantas vezes se não via nas noutes de calmo luar, caminhando para um dos mais aprasiveis sitios d'esta cidade, bem parecido mancebo, embuçado em capote, violão debaixo do braço, e atirando ao espaço baforadas de fumo de seu cigarro.... Ia improvisar descantes na solidão da noute e do coração; misturar as toadas harmoniosas do violão com os murmurios do rio e os perfumes das aragens; esquecer o enojo da vida de estudante nos arroubos inspirados do sonhar de poeta.

Outras vezes encontrava-se o mesmo mancebo em outro genero de distracções. Na modesta sala de uma casa de estudantes, sentados em roda de uma meza sobre que descanzavão compridos cachimbos, cujas fumaças misturavão-se com os subtis vapores do cognac, elle e dous companheiros scismavão no futuro, talvez passavão a mão pelas fronte á tactearem corôas de gloria com que a posteridade costuma adornar a fronte do genio. Improvisavão canções unguidas de crenças e de amor, ou saturadas de scepticismo e desesperanças. Applaudião-se, corrigião-se; brindavão uma saude á Goëthe, á Byron, á Shakspeare ou á Bocage: lamentavão o presente da patria, e então discutião theses de philosophia ou de direito, sempre fitando os horisontes do futuro, ora com uma lagrima, ora com um sorriso.

O mancebo era Bernardo Joaquim da Silva Guimarães; e seus companheiros—Manoel Antonio Alvares de Azevedo, e Aureliano José Lessa.

Alvares de Azevedo é uma das glorias do Brasil: seu merito já na Europa foi apreciado. Os nomes dos dous outros, bem os conhece a patria. E que maior gloria do que ser comprehendido pelas gerações á quem se revelou os pensares intimos de sua alma?

Não intento elogios á quem os tem merecido de tantas illustrações: não tenho em vista criticar com arte os trabalhos d'estes mancebos; meu fito apenas é traduzir n'este artigo as minhas impressões por occasião da leitura dos *Cantos da Solidão*, do Sur. Bernardo Guimarães.

Os *Cantos da Solidão* nascerão como todos os cantos inspirados; e por esse lado são filhos legitimos da autonomia do poeta e das scenas da natureza. Aqui muita vida e frescor, muito colorido brilhante, muito sorriso ingenuo; alli lagrimas e gemidos, ás vezes uma consolação trasida pelo sentimento religioso; acolá o anhelos ardente do sceptico, cujas duvidas e incertezas oscillão á vista dos factos. D'estes traços que caracterisão o subjectivismo do nosso poeta, nota-se que

o seu devanear sceptico, esse desalento que parece acabrunhal-o, é o seu fraco; é um defeito proveniente de influencia byronica.

O Snr. Bernardo Guimarães em muitas de suas poesias, tenho para mim que comprehendeu o que á bem poucos dos nossos poetas tem passado pela mente: é a côr local, é esse perfume, essa harmonia, esse colorido, esse *que* enfim que se sente e não se exprime, e que dá logo á conhecer que ceo inspiron o poeta. Porem, á julgar-se imparcialmente, o Snr. Bernardo Guimarães ainda não é um poeta verdadeiramente nacional. Eu penso com Mennechet (1) que a litteratura é nacional quando está em harmonia perfeita com a natureza e clima do paiz, e ao mesmo tempo com a religião, costumes, leis e historia do povo que o habita. Ora o elemento principal da litteratura é a poesia; e pois o poeta deve contemplar o expectaculo da natureza, sentir e saber sentir as impressões d'elle recebidas; deve mostrar-se possuido de muito sentimento religioso, porque sem religião não ha arte (2); deve apreciar os costumes, porque elles são a philosophia do povo,—elles formão, como diz o auctor citado, o primeiro laço social que une o homem a seus concidadãos;—deve conhecer as instituições do paiz, porque sem ellas não ha sociedade, não ha povo, não ha familia; finalmente deve comprehender as tradições patrias, revelar o segredo do passado, o laço mystico que o une ao presente para presentir os infortunios ou as glorias do futuro.

Si estes são os elementos que a critica exige para a nacionalidade da litteratura, por certo o Snr. Bernardo Guimarães não é poeta verdadeiramente nacional. Nem é preciso que o artista escreva especialmente um poema, uma epopeia, para dar conta da côr local, das crenças, dos costumes, das instituições ou da historia: os *Cantos da Solidão* mesmo poderião comprehender tudo isso. Infelizmente hoje quasi que geralmente não se pensa assim: os poetas, salvas raras excepções, occupão-se só comsigo, e tal egoismo não lhes deixa um momento para se dedicarem á patria. E' uma poesia frouxa, enervada, onde de vez em quando lá apparece um laivo de verdadeira inspiração, um assomo de enthusiasmo que logo esfria. Esmiução tudo, submettem tudo aos sentidos, nada deixão á adivinhar á imaginação. E' talvez ainda um echo do sensualismo do seculo passado.

Os *Cantos da Solidão* sobresaem muito pela vida das imagens,

(1) « Discurso sobre a nacionalidade da litteratura, » lido no Congresso historico de Paris em 1843.

(2) Ninguém ignora que é ao sensualismo, e ao scepticismo, sua natural consequencia, que se deve a aridez da litteratura no seculo passado. Quando fallo em religião, não quero apontar o catholicismo, não obstante ser aquella onde mais domina o espiritualismo; fallo do sentimento religioso, da religião do bello, ao menos. Esta acha-se mesmo no paganismo, e talvez foi d'ella que nascerão os mythos, quando nos primeiros dias da civilisação dominava a observação externa. E' d'esta religião que se achão impregnadas as litteraturas orientaes e as rhunicas. E' talvez d'ella que disse Bacon: A religião é o aroma que impede á sciencia corromper-se, e torna-a cada vez mais saudavel.

exactidão das pinturas, e pelo simile das comparações. Seu colorido é fresco, mas por vezes desmasia-se; seu estylo é fluido, mas por vezes tropeça, e o poeta descahe um tanto.

Quanto á forma, não foi tão feliz o Snr. Bernardo Guimarães: não só ha muito desleixo na metrificacão, como tambem falta de combinacão de consoantes; de maneira que desapparece a harmonia que se requer em bons versos. Elle parece não estar muito senhor do segredo do rythmo, e por isso sua forma é muito núa de arte. Com o exemplo de V. Hugo que introduzio maior liberdade na distribuiçã das rimas, nas elisões, nas cadencias e nos versos quebrados, a maior parte dos nossos poetas tem tido para com a forma summa incuria, abusando dessa liberdade. Não devemos ser tão exclusivistas que digamos com Goëthe: A forma étudo, submetta-se o esthetico ao plastico; mas cumpre-nos cuidar muito no modo de traduzir os pensamentos, por que estes dependem quasi sempre d'aquelle.

A poesia *Recordação* é uma das mais lindas dos *Cantos da Solidão*. Vede o começo:

Já nos ceos do occidente esparge a tarde
 As desmaiadas rosas;
 Pelas tepidas brisas balouçada
 A laranjeira alastra o chão de flores,
 E os ares peja de suave aroma:
 Harpeja o sabiá com doces quebros
 Molles endeixas que a saudade inspira;
 E o trinado mavioso
 Nos mansos ares echôa,
 E de magica harmonia
 O valle e o monte povôa,
 E nas sombras da deveza
 Na voz dos échos morre suspiroso.

 Que mysterios de amor e de saudade
 Vem sussurrar-me esta aura embalsamada?
 Porque razão agora
 Descai-me a fronte n'um scismar tão triste?
 D'oñde vem estes sonhos,
 Estas visões que o coração me cercão
 De sombras melancolicas?....
 Não és tu, ó saudade,
 Que me vens acordar no intimo peito
 Suaves échos d'uma feliz quadra
 Que rapida escoou-se?
 Vinde, vinde lembranças saudosas
 Perfume do passado,

Vinde embalar minha alma com as imagens
De um tempo afortunado.

¿ Não ha aqui tanta lindeza, tanto sentimento e poesia? Vêde agora o ideal do poeta, essa contemplação de uma belleza celeste que se incarna na imaginação d'aquelle que nasceu fadado para sentir e amar :

Era uma tarde amena e socegada,
Tam placida como esta,
(Oh ! que viva saudade d'esse tempo
Que n'alma ainda me resta !...)
Era uma tarde :—e ella reclinada
Na encosta da collina,
Na branca mão pousava tristemente
A face peregrina.
Não sei que amargo sonho lhe vergava
A fronte divinal :
Sondar quem pode os candidos mysterios
De um peito virginal ? !
Tambem o branco lyrio quando sente
Do sol o vivo ardor,
Debruça a fronte languida, e se inclina
Do musgo no verdor.
Do sol poente um raio amortecido
Na face lhe pousava,
Como um beijo de adeus longo e saudoso
Que a tarde lhe enviava.
Com os olhos puros fitos no horizonte
Tão sosinha á scismar
Me parecia um anjo do ceo vindo
Que vai para o ceo voar.

Ao ler este trecho, lembrei-me de *Atala*, a virgem do deserto, scismando seu triste futuro á sombra de um annoso carvalho das florestas do norte da America, fitando languidos olhos no horizonte tincto de côres tão tristes como os seus dias amargurados. Nada mais facil do que a concepção de um typo de mulher, mas vivifical-o e fazel-o sentido exteriormente, só é dado ao poeta : e penso que o Sr. Bernardo Guimarães foi muito feliz n'este ponto.

A *Invocação á saudade* é não menos bella ; mas para não sobre-carregar de citações este trabalho, cito apenas a seguinte comparação que é de um simile perfeito :

Qual de remotas floridas campinas
Da tarde a branda aragem

Nas azas nos conduz suave aroma,
 Assim tu, ó saudade,
 Em quadras mais ditosas vais colhendo
 As risonhas visões, doces lembranças,
 Com que vens affagar-nos,
 Ornando no presente as sendas núas
 Co'as flores do passado.

Tenho para mim que as mais bellas composições dos *Cantos da Solidão*, são as que tem por titulo *O Ermo* e *O Devaneiar do Sceptico*. N'ellas revela-se o Snr. Bernardo Guimarães como uma das mais decididas vocações poeticas que tem apparecido ultimamente entre nós: no *Ermo* é o filho do Brasil; no *Devaneiar* é o filho do seculo. Do *Ermo* ressumbra uma côr local muito viva: as descripções são feitas de lances de vista muito escolhidos, o que denota o delicado gosto e fino tacto do nosso poeta. A vida errante e fugidia dos Indios corre em largos traços e com exactidão historica: a dos escravos das nossas fazendas é uma pagina bem comprehendida dos nossos costumes. A maneira pela qual o poeta descreve as derribadas que desbastão nossos terrenos, as queimadas que reduzem á cinzas tão extensas e grossas mattas, e depois o futuro glorioso que elle antevê á patria apoz esse labor de destruição,—fazem um effeito magnifico pela simplicidade do estylo, brilho das comparações e verdade nos quadros. Não cito pedaços d'esta poesia, porque os limites deste artigo não me permittem transcrevel-a inteira.

O *Devaneiar do Sceptico* é uma pagina eloquente da actualidade. Não é a duvida brutal e inconsequente de Voltaire ou Diderot; não é o sarcasmo de Byron e Shelley sobre tudo quanto ha de mais sancto na vida; não é mesmo, digamos assim, o scepticismo do sceptico: o devaneiar do nosso poeta é alguma cousa de mais humano, é a lucta da razão com o que lhe é impossivel aprofundar, é esse ardor de devassar o infinito que amargurava as insomnias do *Fausto*. O nosso poeta não descrê de Deos nem da razão, apenas lamenta que Deos não se revelasse mais intimamente ao homem, que não seja dado ao espirito enxergar mais distinctamente nas regiões ethereas do infinito.

Entre outros bonitos cantos ha alguns que não tem merito como poesia brasileira. O *Meu ideal*, o *Hymno á aurora*, *No album de um amigo*, e outros, são composições frias, vulgares quanto ao pensamento e pouco felizes na forma.

Quanto ao segredo dos versos, disse eu, que o Snr. Bernardo Guimarães parece-me pouco possuil-o. Sei bem que o fim da critica não é « se ficar embellecada deante da formosura das formas e apuros das côres » (3)—mais se lhe requer, sim; porque si a poesia é, como define V. Hugo, o que ha de mais intimo em cada cousa, é para ahi

(3) Rebello da Silva, Juizo critico sobre *Fr. Luiz de Sousa*.

que devem convergir suas vistas : e d'este ponto culminante é que a critica deve considerar as relações que prendem ao mundo exterior as concepções do genio. Mas nem por isso devemos cahir no exclusivismo de uma idealidade transcendental ; porquanto desde o momento que ao poeta fosse livre saltar por cima das regras, desapparecerião os limites da prosa e do verso, porque não só ao sentido do gosto, mas também ao sentido physico do ouvido deve a poesia dirigir-se.—Entre nós, por pouco não se cahe n'esse exclusivismo : por isso não é de extranhar que nos *Cantos da Solidão* haja desconcertos na variedade do metro, syllabas longas e breves misturadas á esmo, rimas mal collocadas e mal distribuidas, e até erros de metrificacão. Não quero apresentar aqui esses defeitos, porque penso com Chateaubriand que a critica deve antes occupar-se em mostrar bellezas e bondades que devão ser seguidas e não erros e descuidos que devão ser evitados. Si assim não fosse, tornava-se meramente negativo o fim da verdadeira critica. Todavia não parece-me acertado fallar sem provar, muito mais quando tenho dado conta das bellezas que mais me impressionarão. Por isso aponto as poesias *Recordação, Illusão, Invocaçào* ao genio da poesia americana, e..... cuja forma é pouco cuidada.

Em resumo :

O Snr. Bernardo Guimarães é uma das glorias da nossa nascente litteratura : o seu mais precioso titulo são os *Cantos da Solidão*. Põde-se dizer d'elle o que Gustavo Planche disse de André Chénier : Não é uma esperanza de poeta, é um poeta feito.

S. Paulo 9 de Junho de 1857.

Macedo Soares.

Considerações sobre a actualidade da nossa litteratura.

(Continuado do numero antecedente.)

III.

O lyrismo da ode é quasi, ou melhor, todo privativo de nosso seculo : dacta de J. Chénier e Beranger, e tem um elegante representante em V. Hugo. E' o caracter da ode moderna, a variedade, o aspecto multiforme e quasi o encontro das idéas, proveniente do vago e indefinido da sociedade actual. A poesia de hoje, no dizer de Schlegel, fluctúa entre as recordações do passado e os presentimentos do futuro. E' um facto que o drama, o romance e a ode justificação assaz.—E' d'ahi que provem, não poucas vezes, o exclusivismo ou de uma idealidade transcendental, ou de um sensualismo enervado, á resvalar pelas gemonias do poviléu.

Não sei si erro ; mas cuido para mim, que a poesia moderna não tem uma idéa una e fixa ; e á similhaça de um fogo fatuo, vai ás ton-tas d'aqui e dalli, lançando um brilho vivissimo, ou mergulhando-se nas trevas. E creio ser essa a causa da indecisão da indole de todas as litteraturas deste seculo, da nossa principalmente.

O lyrismo da eschola franceza, ao lado dos transcendentalismo allemão que da philosophia naturalmente passou á quasi todos os ou-tros circulos da intelligencia, e as excentricidades do byronismo, acha-rão écho entre nós. Mas estes elementos, ainda que sejam amalgama-dos por um elemento novo—por ventura o sentimentalismo americano—poderão produzir uma poesia nova? Não o creio. Exagerou-se os principios herdados do estrangeiro, e os factos provão que d'ahi não proveio nem um laivo de poesia nacional. O que pode acontecer é que nascerá uma litteratura muito ataviada, só propria para embellecar os patetas do mundo litterario.

Entre nós devaneia-se á Goëthe, suspira-se á Lamartine, maldiz-se a vida com Byron, porem não se poeta como brasileiro. Entre-tanto no quadro vasto de nossa nacionalidade ha tradições riquissimas de poesia, sinão para comporem uma *Illiada*, ao menos para substan-ciarem um poema talvez mais feliz do que o *Orlando* de Ariosto. Te-mos materia para cobrir de brilhantes armaduras esse estafermo de poesia que por ahi roda pasmado.—Alguns talentos vão caminhando para lá : é de crer que em algum tempo tenhamos uma litteratura ver-dadeiramente nacional, uma estrella do ceo da America á esparzir seus fulgores pelo solo do Brasil. Mas isso só terá lugar, quando for por todos bem sentido o ridiculo dos esfarrapados andrajos com que tem-se-nos pretendido ornar a poesia, como si em outra parte pudesse ella nascer mais rica e fulgurante de lindissimos naturaes enfeites.

Entretanto despresão os patrios esplendores para ataviar-se de falsos brilhantes colhidos no estrangeiro. Dirão talvez que isso não é de espanto, porque não ha muito tempo que a poesia europea despio a chlamyde grega e a purpura romana, que tanto lhe pezarão. E' uso trazer-se para desculpa o estado actual de cultura do Brasil compara-tivamente com o das outras nações : mas por ventura nosso começo não differe tanto? As nações europeas por si desvendarão seus olhos das trevas que as envolvião desde seu nascer ; os nossos forão abertos pelas luzes do seculo. Não ha paridade.

Entre nós—e é á nova geração que me dirijo—ha gosto particu-lar em imitar, copiar mesmo, Byron e Goëthe : ninguem se lembra de que estes dous poetas, aliás genios fecundissimos e creadores, nem sempre podem servir de norma, porque é innegavel que forão exage-radores de sãs doutrinas. Das lyras destes taes não transpirão sinão *dôres, magoas, descrença, prantos, desespero, agonias, lagrimas, tumu-lo, morte, ancias doloridas.....* e tantos palavrões que por ahi formigão em muitas collecções de versos. Chamão isto *byronismo* : a palavra é euphonica ; mas a escolha foi infeliz. Byron não podia deixar de

ser o auctor de *Manfredo* e *D. Juan*: sua imaginação foi guiada pela fatalidade do soffrimento: eis o que caracteriza o seu poetar. Porem os nossos jovens poetas, cheios de vida e de esperança, n'essa idade que um critico chama—a primavera da vida do poeta,—quererem alardear de encanecidos pela dôr, scepticos *ex officio*, sem uma esperança de gloria, sem animação nem vida,—é quererem á toda força cahir no ridiculo, porque não sentindo o que desejão exprimir, jamais a expressão passará de ùa metralhada de palavrões.

Ainda mesmo que sentissem o que dizem, não ha lugar de desculpa; porque em vez de interminaveis jeremiadas, mas lhes aproveitava, á elles e á nós, que se esforçassem antes por parecer filhos da natureza, do que pais d'esse exagerado ultra-romantismo sentimental.

Outros ha que sem se presumirem taõ *desgraçados*, são mais pobres de espirito, quando pretendem crear uma poesia nacional, sobre-carregando a lingua de termos indigenas. E' como si quizessem ser poetas francezes, mesclando o portuguez de termos intrusos e miseraveis gallicismos. Ao menos estes devem ter um consolo: é d'elles o reino dos ceos.....

Muita gente queixa-se do Governo que não anima a arte, que só cuida na politica, em cujo torvelinho rodaõ desvairados, sem se lembrarem que a arte é um dos elementos mais nobres da vida de uma nação. E' preciso porem alguma sensatez para se fazer tal arguição. Si fallassem a respeito da sciencia, teriaõ talvez muita razão, porque com effeito entre nós não ha essa animação, nem por tanto essa disponibilidade de recursos que ha no estrangeiro (1). Quanto porem á poesia, a culpa não é tanto do Governo. Pois o Governo é que hade fazer os bons poetas? E como? á pezo de dinheiro? Isso seria infamante e altamente ridiculo para o escriptor que preza a sua profissão. Em toda parte do mundo o trabalho da intelligencia não dá para amontoar capitaes: e quando chega-se á isto, não é á custa do Governo.

Demais—« é forçoso repetil-o em um tempo como o nosso; os verdadeiros poetas, os pintores, os musicos, todos aquelles que são destinados á espargir sobre a terra alguns raios dá belleza eterna, não se forjaõ nos estaleiros da sciencia humana. Não se aprende nas escholas á fallar a lingua do amor. Ouvindo os conselhos do mestre que primeiro desliga seus labios, o menino de genio parece recordar-se de uma lingua esquecida que teria outr'ora fallado em um mundo melhor. »—Abstrahindo do que ha de poetico n'estas palavras de P. Scudo (2), vê-se bem que não é do Governo que o poeta deve esperar felicidade de inspiração ou de expressão de seus sentimentos.

(1) Ainda mesmo aqui grande parte de nosso atrazo procede de nós mesmos, porque, como disse o Snr. Dr. Crispinianno no 3.º n.º do *Iris*, entre nós geralmente se não estuda por amor da sciencia, e sim unicamente como preparação para colher uma posição.

(2) *Révue des deux mondes*, art. *Mozart et D. Juan*.

Declama-se tanto contra a politica ; e entretanto é de que o Brasil mais precisa. A politica, bem entendida, é a acção, a pratica, que deve abastecer-o de bens materiaes, primeira necessidade de um paiz novo, porque enfim devemos confessar a miseria da humanidade, sem estarem satisfeitas as necessidades do corpo, é impossivel combinar duas idéas. — Longe de mim o parecer aqui apologista do materialismo ; porquanto á respeito de systemas scientificos, nenhum conhecimento mais inconsequente e perigoso : mas o que desejo ver bem comprehendido é que são futeis todas essas declamações contra a politica, porque é d'ella que o paiz espera tudo, bens materiaes e bens intellectuaes.

Uma só cousa deve ter em vista o poeta que quizer ser nacional : é não se deixar levar por influencia de escholas e menos ainda de grandes nomes. O que se deve imitar é a natureza, e só ella, porque ahi reside, como alguém o disse, a unidade na variedade e a variedade na unidade, isto é o typo do bello artistico. Fóra d'ahi, só um poderoso genio.

IV.

Na primeira parte d'este trabalho apresentei n'um ligeiro quadro os vultos protogonistas de nossa litteratura contemporanea : fiz ver quão estreito é o seu circulo. Então pareceu-me dever mostrar as causas de tal atraso, e para isso comecei mostrando a influencia que Byron e Goëthe tem tido sobre todas as litteraturas contemporaneas, e ao mesmo tempo a singularidade de suas escholas : o que foi considerado na segunda parte (3). Na seguinte, propuz-me mostrar quão deploravel tem sido para nós essa influencia, e penso ter feito tambem comprehender que são infundadas as queixas com que alguém tem procurado arguir á incuria do Governo a falta de nacionalidade da litteratura patria. Para completar este trabalho, vou aventurar algumas reflexões sobre um assumpto de grande argumento : A nacionalidade da litteratura.

« A litteratura, disse profundamente Bonald, é a expressão da sociedade. » Como tal, ella tem acompanhado o homem em todos os seus estados, tem considerado todas faces da medalha de sua vida moral, tem reflectido todas as evoluções da sociedade. Tão intimamente ligada ao homem, impossivel seria que ella não retratasse as duas grandes faculdades que constituem a essencia do espirito humano ; que n'ella não se desenvolvessem os effeitos d'estas faculdades. Assim, a litteratura é um vasto quadro onde estão perfeitamente combinadas a luz e as côres, a intelligencia e os sentimentos, a natureza moral e a

(3) Não foi sem desvanecimento que lendo, muitos dias depois de haver escripto essa segunda parte, algumas paginas do *Essai sur la littérature anglaise*, vi corroboradas minhas idéas sobre Byron pelas judiciosas e profundas observações de um critico de tão grande pezo, como é Chateaubriand.

natureza organica, com todos seus brilhantes reflexos e variadissimos cambiantes. A sociedade e a natureza physica, eis as duas fontes da litteratura. A poesia, formulada ou na epopeia ou no drama ou na ode, o romance, as relações de viagens, as narrativas... não são mais do que modos da litteratura, assim como uma partitura, uma sonata, um concerto, uia missa são especies da musica. Donde vem que a poesia, o romance e as narrativas não tem outras fontes verdadeiras que não sejam as idéas e os sentimentos individuaes, as tendencias da sociedade e as scenas do mundo organico.

Taes são os elementos que constituem a verdade, isto é a nacionalidade da litteratura, pois a nacionalidade não significa senão a exacta expressão da vida de um povo e de suas relações com o paiz que habita. E a prova de que não é possível prescindir d'esses elementos, é que acompanhando-se o curso progressivo da litteratura de um povo, vê-se invariavelmente a poesia dos sentidos e a poesia da alma, mais ou menos predominantes.

Na antiguidade grega e romana a intelligencia domina o sentimento. « Na poesia grega, diz A. Humboldt no seu *Cosmos*, na poesia grega da antiguidade, a paisagem apparece apenas como o fundo do quadro diante do qual se movem formas humanas. » Nem de outra sorte poderia ser, porque ahi, como na infancia de todos os povos, prevalece o sentimento religioso e a observação exterior, que combinados com a imaginação dos povos, mais ou menos influenciada pelo clima, naturalmente conduzião á revestir da forma humana os phenomenos naturaes, e á divinizar aquelles que lhes causavão terror ou admiração. Por isso ahi nasce, ou antes desenvolve-se a theogonia mythologica, a poesia dos sentidos. Mas si a poesia descriptiva representa um papel menos importante na antiguidade da Grecia e de Roma, a poesia das paixões, as crenças e os costumes, as leis e a historia, constituem a epopeia da nacionalidade d'estes povos.

A litteratura hebraica exprime tão fielmente a natureza e os costumes dos povos da Palestina, que depois de tantos milhares de seculos, coincidem as relações dos viajantes de todos os tempos e as descobertas da sciencia com as lendas de Moysés e o admirável Livro de Job. A litteratura hebraica era nacional.

Na meia idade as litteraturas tomão outro character, porque tambem outras erão as tendencias sociaes, outras as tradições, diversas a historia e a sciencia. A quéda dos velhos imperios, o nascimento e a formação dos novos, as guerras e as calamidades publicas, todo esse labor de destruição e criação derão ao espirito cansaço e morte á litteratura. Quando ella, nova phenix, renascesse de suas proprias cinzas, deveria ser, como com effeito foi, com um aspecto diverso. O christianismo tinha fundido as tradições do velho mundo com as crenças dos novos povos, e dava assim um elemento novo á poesia, ao romance e ao drama. Depois, o expectaculo das perseguições da nova religião, das guerras sociaes, das intrigas palacianas, da desordem em

fim da sociedade, trouxe um novo aspecto, esse sentimentalismo poético, essa religiosa melancholia, um certo ar de mysticismo, que tanto devião influenciar na litteratura moderna. — Até aqui a sociedade; mas o que poderia fazer a natureza n'esses tempos de aterradora confusão? Depois que a calma ia-se restabelecendo no mundo, e triumphava o christianismo com toda sua benefica influencia, a natureza vai apparecer ao lado da poesia das paixões, a litteratura vai tornar-se tambem descriptiva.

Depois que Europa medio suas espadas com os saibres musulmanos, e quando seculos mais tarde, os povos virão seus irmãos de um outro mundo, impressionarão-se á magestade da natureza tropical, então alarga-se o horisonte da litteratura. Shakspeare, Camões, Dante e tantos outros bellos genios, achão novos costumes, novas tradições, novas scenas, outra historia, outras fabulas e lendas religiosas, com que nacionalisão suas litteraturas, amoldando á feição do genio e da arte a nova face de seus paizes.

Actualmente todas as litteraturas revelão á primeira vista o seu traço caracteristico. A sociedade oscillando entre a luz mortíca ou o brilhante arrebol do passado e as nuvens douradas ou negras do futuro, justifica o dizer de um profundo pensador allemão: « A litteratura de hoje fluctúa entre as recordações do passado e os presentimentos do futuro. »

Infelizmente a nossa litteratura, inda uma vez repito-o, está ainda bem longe de emparelhar com as outras em nacionalidade. Entretanto não se carece de muito: intelligencia culta, imaginação viva, sentimentos e linguagem expressiva, eis os requisitos subjectivos do poeta; tradições, religião, costumes, instituições, historia, natureza, eis os materiaes.

As tradições são um religioso legado das passadas gerações; são um transumpto das épochas anteriores da civilisação; são um écho das harmonias entoadas por outras vozes, porem nas mesmas florestas, juncto aos mesmos rios ou nas mesmas praias, sob o mesmo ceo. O nosso passado é por assim dizer duplice, porquanto dous povos nos legarão suas tradições. Si as dos portuguezes tem mais elegancia e belleza, as dos filhos da America tem mais naturalidade e grandeza: alli ha esplendor sem magestade; aqui, ao contrario, a magestade é mais selvagem. Ao poeta que quizer ser nacional, cabe harmonisal-as dando-lhes a forma graciosa ou sublime da arte.

A religião christã affanando-se por destruir as formas brutaes do culto pagão, precisando a idéa da Divindade que tão obscura se bruxolêa na imaginação dos indigenas, adoçando seus costumes, substituindo o sacrificio espiritual ao sacrificio de sangue que fuméga nas fogueiras dos selvagens; tanta belleza, tanta poesia, aproveitada por Chateaubriand, porque não ha de ser cantada pelos nossos poetas?

Os costumes são, si assim me posso exprimir, a côr local da sociedade, o espirito do seculo. Seu character fixa-se mais ou menos

segundo as crenças, as tradições e as instituições de um povo. Elles devem transparecer de toda poesia nacional, para que o poeta seja comprehendido pelos seus concidadãos.

Tem-se dicto como um grande motivo de desculpa, que os nossos costumes são apenas um reflexo das usanças do velho Portugal, e que por isso é impossivel ensaiar com fortuna a poesia brasileira em um genero em que primárão Garrett, Serpa Pimentel e Palmeirim,—o genero popular. Acho pouco exacto este modo de pensar. Convenho em que esses costumes, essas tradições, que são elementos da nacionalidade da litteratura, sejam um legado do povo portuguez, mas é innegavel que passando para debaixo de um novo clima, localisando-se entre nós, e soffrendo modificações necessarias de nossa historia e de nossa natureza, tem tomado um geito caracteristico que, sem todavia desmentir sua origem, mostram ser professados por uma outra sociedade. Apoderar-se desta nova feição, dar-lhe a forma poetica, é tarefa difficil, mas não impossivel, á não ser para esses improvisados que por ahi campêão com ares de predestinados, sem que os ajude nem natureza nem arte. Falta a boa vontade; com ella alcançará tudo aquelle que desde o berço for fadado poeta.

Quanto á natureza, considerada como elemento da nacionalidade da litteratura, onde ir-se-ha buscal-a mais cheia de vida, de belleza e poesia, fonte mais rica de inspirações, uma vegetação mais luxuriante, do que sob os tropicos?... Inspirai-vos por ella, estudai-a, comprehendei-a em seus mais intimos mysterios, pintai-a de lances bem escolhidos e com côres proprias; então tereis dado um grande passo para a nacionalidade.

Si nossas instituições não nos são inteiramente peculiares, si nossa historia não tem essa pompa das paginas da meia-idade, temos ao menos instituições e historia nossas. Entretanto é o que pouco se vê na poesia brasileira.

Em summa :

Despir estranhos andrajos e falsos atavios, comprehender a natureza, compenetrar-se do espirito da religião, das leis e da historia, dar vida ás reminiscencias do passado; eis a tarefa do poeta, eis os requisitos da nacionalidade da litteratura.

S. Paulo—1857.

Macedo Soares.

PHILOSOPHIA.**Esboços de Psychologia.***(Continuação do numero antecedente.)*

II.

I.—QUESTÕES QUE SE AGITÃO SOBRE O EU. DESTAS QUAES SÃO AS PSYCHOLOGICAS. DE QUAES NOS OCCUPAMOS NESTE ESCRIPTO.

II.—CONSIDERAÇÕES HISTORICAS.

I.—Systhematisação de quantos conhecimentos se podem obter sobre Deos, o homem e a natureza, sobre o creador e a criação, o universo inteiro emfim, a sciencia se divide naturalmente, em relação ao sujeito que acquire taes conhecimentos, em dous mundos igualmente vastos ambos, ambos de summa importancia: o subjectivo e o objectivo. Ora no campo do subjectivo, no estudo do eu, estabelecemos nós o dominio da psychologia. Mas, assim como o objectivo se disparte n'um sem numero de esferas, se deixa considerar por faces infinitamente variadas, assim tambem o subjectivo offerece mais de um modo de contemplal-o, mais de uma divisão real.

Por muitas que sejam porem as maneiras de considerar o espirito humano, por differentes que pareçam as scenas que, á luz da consciencia, se reproduzem na vida interna, é claro todavia que dous unicos são os modos de estudar o eu, duas unicas as grandes questões que se levantão nas observações subjectivas.

Em verdade, podemos considerar o eu como apenas sujeito pensante, como quem acquire idéas e as transforma em sciencias, ou como um dos seres do universo, uma das cadêas que prendem o finito ao infinito, o creador á criação. De um lado, o objecto da sciencia consistirá somente em pôr em relevo, em fazer distincta, em caracterisar precisamente aquella das faculdades por onde o eu communica com o não-eu, aquelle dos poderes da organização espiritual do homem, raio da luz divina que lhe revela a natureza e a vida das existencias transitorias, a natureza e a vida do proprio Deos. Por outro, a sciencia deve de caminhar mais alem, deve de examinar as outras qualidades do espirito, a essencia, a natureza delle. Este é um estudo differente: já não se trata de comprehender o sujeito pensante, de descrever os instrumentos intellectuaes,—de classificar as idéas e os modos de percebê-las; trata-se porem de questão mais complicada e difficil, cuida-se de revolver a substancia espiritual por discriminar os elementos de que se compõe, ou ao menos as phases que se desenhão na ordem de seus desenvolvimentos.

Estas duas grandes questões, porem, entram ambas no quadro da psychologia?

Estudar a sciencia de um ser qualquer, perceber suas operações internas, determinar o valor das relações que mantem com o exterior, é questão inteiramente objectiva, e que por isso incumbe á sciencia que se chama ontologia. Em rigor, portanto, não deviamos investigar na psychologia senão aquillo que se prende restrictamente ás manifestações da intelligencia humana, de modo que o objecto proprio desta sciencia se reduza ao exame do eu em quanto sujeito pensante. Julgamos porem acertado que, por não ficar incompleto o desenho do quadro, cumpre incluir nestes ligeiros traços sobre o espirito humano, não só aquelles que unicamente descrevem a intelligencia, mas também todos os que retratão as outras faces do eu, fazendo assim da psychologia uma sciencia mais ampla, aquella que percorre em toda a sua extensão as vastas regiões do mundo subjectivo. E' por isso, é por esta necessidade, e porque não desejamos desviar-nos das veredas communmente trilhadas, que comprehenderemos nestes esboços, alem do exame das questões puramente intellectuaes, o estudo da sensibilidade e vontade, e de outros pontos importantes, como a unidade e immortalidade do eu.

Assentada pois qual a extensão do assumpto que nos occupa, resta definir precisamente as questões em que se subdivide o exame sobre a intelligencia humana, o qual, conforme dissemos, é a materia rigorosamente propria da psychologia, aquella de que particularmente devemos tratar.

Occupando-se do espirito humano como a fonte de todo o saber, na discriminação dos principios intellectuaes subjectivos, a psychologia deve resolver as tres seguintes questões: Quaes os caracteres actuaes de nossas idéas? Qual o seu primitivo estado, ou, como se diz, a origem dellas? Como se opera a passagem do primitivo para o actual, isto é, quaes as condições para a legitimidade das idéas que adquirimos? São estas as questões que a sciencia deve propor e resolver a respeito do pensamento humano, e estas somente, porque é impossivel que existão, no desinvolvimento e manifestações da intelligencia, outros factos que não aquelles que apontamos. Em verdade; supponha-se um movimento qualquer do espirito em demanda do conhecimento deste ou daquelle objecto; ha e haverá sempre nesse esforço intellectual tres e somente tres phases: porquanto ou se trata de determinar o character dessa idéa, ou o da faculdade que produziu-a, ou emfim de demonstrar a legitimidade ou illegitimidade, verdade ou falsidade de tal percepção.

Dada a classificação das questões em que se subdivide o exame do elemento intellectual do espirito humano, mostremos a ligação que entre ellas existe, e a ordem de subordinação em que estão umas para as outras, de modo que a sciencia se occupe primeiro de algumas que das restantes. — E' uma exposição de methodo.

Por onde começaremos pois? pelas investigações sobre o estado primitivo das idéas, pela determinação de seus caracteres actuaes, ou antes pelo exame da legitimidade dellas? Vejamos.—A questão da legitimidade ou illegitimidade de nossos conhecimentos suppõe a passagem do primitivo para o actual, suppõe a existencia da faculdade e a da idéa de que é ella origem: logo estudar a questão da legitimidade ou illegitimidade das operações intellectuaes antes de conhecido e precisamente definido o character da idéa ou conhecimento de que se trata e o da faculdade que lhe corresponde, seria estudar a relação sem conhecer os dous termos da comparação. Essa questão pois reservar-se-ha para o terceiro lugar.— Isto posto, em que ordem se hão de succeder as duas outras?

A da origem das idéas que temos actualmente no espirito suppõe, para ser affrontada com segurança, a reflexão sobre os caracteres de todas ellas, sem excepção de nenhuma. Indagar a origem das idéas sem que previamente as estudassemos, classificando, compondo e descompondo-as segundo seu vulto especial, seria abalar-nos a uma empreza difficil de olhos vendados e desdenhando uma luz que tudo aclara, um soccorro indispensavel: ao passo que, examinando-a só depois desse trabalho preliminar, a reflexão ha de ser mais certa e mais fiel, mais profunda e mais completa, ha de evitar os impecilhos de hypotheses arbitrarias, confusas ou falsas.

Assim pois, as questões sobre os principios intellectuaes subjectivos se devem succeder n'uma ordem logica de tal natureza, que é um verdadeiro tecido de raciocinios e observações por onde se chega, de deducção em deducção, ao estudo completo do intendmento humano.

Ainda que este seja, porem, o methodo que a experiencia e a logica prescrevem para o estudo das tres questões que estabelecemos em cima, vemo-nos forçado todavia a modifical-o a dous respeitoos.

Em primeiro lugar, não separaremos a descripção dos caracteres das idéas— da determinação das faculdades a que cada uma se refere; por maneira que as duas primeiras questões de que fallamos serão tratadas sempre uma a par da outra. Esse é com effeito o methodo que os modernos psychologos empregão na exposição de suas doutrinas; nenhum sabemos que tenha podido inverter essa ordem de demonstração tradicional na sciencia, e que demais é a unica em que possam existir lucidez e precisão. Verdade é, como observa Cousin, que as observações psychologicas devem de começar, não pelo exame das faculdades, mas pelo dos caracteres das idéas; porque, de outro modo, iremos precipitar-nos, vagando ás tontas, no abysmo do systema de Locke ou de Kant: mas nada impede que, na exposição de observações ja feitas, impreguemos o methodo contrario.

Em segundo, quanto á terceira questão, a da legitimidade de nossos conhecimentos, devemos observar desde logo que nenhuma palavra se encontrará neste escripto a seu respeito; porquanto, em vista da magnitude della, e por ser a primeira dentre as questões philo-

sophicas, teem-na os philosophos, desde a antiguidade e por inspiração de Aristoteles, reservado para uma parte especial da philosophia, a logica, a qual em rigor não é senão uma secção da psychologia. A importancia e a extensão de tal questão, tão subida que constitue a parte mais notavel e mais profunda da moderna philosophia allemã, justificão certamente a separação que levamos indicada.

II.—O methodo não é a sciencia, mas é o indispensavel auxilio da sciencia. Dai-me um objecto e o methodo proprio ao estudo del- le, e eu dar-vos-hei systematisadas as idéas que elle offerece. O methodo é a luz que espanca as trevas que impecem o disinvolvimento da intelligencia; elle não construe mundos desconhecidos, mas levamos seguros ao interior da verdade; não transforma o pensamento humano, não lhe faz possivel indagar tudo, tudo saber; mas patentêa as sendas mais certas, aquellas que unicas podem attingir ao vello de ouro da sciencia. A bondade do methodo, portanto, decide sempre da veracidade ou falsidade de um systema.

Esta é a razão porque a psychologia, não obstante ser em tudo dependente da simples observação interna, tem produzido resultados differentes segundo a diversidade nos modos de estudal-a, impregados pelos philosophos modernos. De Locke a Reid, de Condillac a Cousin, ha distancias immensas, ha côres profundamente distinctas; aqui é o sensualismo que se disinvolve, ali impera um falso racionalismo, ali se edifica uma conciliação, o eclecticismo moderno. Parece fatal que o espirito humano, quando intenta produzir na scena scientifica claro e brilhante um dos pontos da creação. não possa seguir o mais curto e o mais seguro dos caminhos desde logo o seu primeiro vôo; parece que a razão, como diz um escriptor, está condemnada a servir-se do verdadeiro methodo, que é sempre em tudo o mais simples e o mais evidente, só depois de cruciantes luctas, innumerados esforços e tentativas baldadas.

Descartes, revocando o espirito humano, como Soerates, para o estudo de si mesmo, fazendo convergir para ahi todo o esforço intellectual do homem, como para a fonte de donde havião manar as fecundas torrentes, Descartes lançára assim as bases da psychologia. Mas por onde começar esse estudo? que methodo, qual idéa devia guiar a observação?—Era natural que esta questão surdisse de si mesma no pensamento dos primeiros investigadores. Locke, querendo constituir a sciencia sobre as bases as mais solidas, querendo de um jacto fundil-a n'um molde duradouro, abre o seu *ensaio sobre o entendimento humano* pela discussão sobre a origem das idéas, que ficou sendo, no correr dos tempos, a estrêa obrigada de todos os psychologos de sua eschola. Ora a carreira tão gloriosamente incoetada por Locke é aquella por onde haja de proceder o espirito do homem nas investigações de sua vida interna? Não é por certo. Si a falta commettida por Locke não passasse de um simples defeito de methodo, facilmente reparavel, pouco—quasi nada haveria por onde irrogar-se ao grande philosopho a cen-

sura que com justiça merece. Com effeito, esse erro de methodo, commettido por Locke e sustentado por muitos dos que se lhe seguirão, occasionou inumeras deviações, accarretou doutrinas hypotheticas, deu lugar a esse systema que, baseado n'uma observação incompleta, foi pouco e pouco revestindo as mais grosseiras formas, os absurdos menos plausiveis, até attingir o ultimo gráo e mais desesperador, o materialismo de Condillac. E porque? porque o verdadeiro processo devia ser estrèar classificando os caracteres das idéas, determinando os phenomenos, afim de chegar á discriminação das faculdades,—descubriendo a causa pelo conhecimento do effeito: Locke porem começou por apresentar o schema das faculdades, cousa senão impossivel, ao menos muito arriscada, sem que haja precedido a classificação das idéas.

Por outro lado, uma eschola em tudo adversaria da sensualista, a transcendental de Kant, principiou pelo mais difficil dos problemas psychologicos, a discussão sobre a legitimidade de nossos conhecimentos: tal é o espirito da *philosophia critica* do philosopho de Koenisberg. Mas quaes deverão de ser os resultados de uma eschola que inceta discutindo as condições de veracidade na aquisição dos conhecimentos, sem já de ante mão havel-os classificado, reportando-os a faculdades determinadas? Devia de ser, como foi, fatalissima á sciencia; direi mesmo, ao credito da philosophia. Sem um ponto de partida rasoavel, sem um esteio poderoso, os philosophos descendentes do kantianismo se forão perder, no idealismo uns, no pantheismo outros. Fichte, Schelling, Hegel e o proprio Kant, ahi atravessão um campo erriçado de estorvos sem conta, intranhão-se por uma aridez medonha, reбуção-se de tanta nuvem que seu espirito se debate n'um verdadeiro desvario.

A par desses dous alentava-se ainda tenue e indeciso o verdadeiro methodo psychologico: á eschola escoceza pertence a gloria de, alem de tantos outros serviços prestados á psychologia por sua paciente observação, havel-a estreado classificando as idéas de nosso espirito. Temendo a um tempo os resultados da philosophia de Locke, e não menos receiosos do transcendentalismo kantiauno, os escocezes, dirigidos por esse bom senso que os caracteriza, recheárão a sciencia de um semnumero de dados admiraveis de exactidão e verdade.—Mas a eschola escoceza não foi completa; como diz J. Simon, ella estabeleceu as premissas, mas não soube ou não pode deduzir as consequencias. Si sobre as faculdades experimentaes nada deixou que fazer, nenhuma cousa ou, quando muito, um vago indecifavel foi quanto produziu sobre as idéas absolutas e o poder intellectual que lhes corresponde: Dwgald—Stewart, por exemplo, tratando dellas, attribue-as ao *sensu-commum*, sem que difina e precise o que isto é.

Ao eclecticismo porem, cujas idéas temos professado, se deve a discriminação do verdadeiro no seio de tantas opiniões incompletas ou falsas. A moderna philosophia franceza, que Victor Cousin cons-

tituiu, recolhendo as tradições cartesianas, inchendo-se de profundidade e erudição nas escholas de Allemanha, e atilando a observação com o estudo de Locke e Reid, o eclecticismo poudo, depois de classificar as questões psychologicas, organizar o methodo, a ordem em que cumpre estudal-as. Ainda uma vez o eclecticismo, que salvou a philosophia grega nos tempos de sua maior divisão, reata o fio quebrado, reconstrue a harmonia philosophica.

A. C. Tavares Bastos.

Emancipação da escravatura.

A civilisação que o seculo XVIII legou-nos escrevia em suas bandeiras: Paz e Liberdade. Paz, entre as nações que se debatião n'uma lucta incessante, uma lucta de morte, em que o fraco se prostrava deante o forte, em que o direito soffria a compressão da força. Liberdade, para o homem, para o pensamento que era jungido ao carro torpe da depravação e barbaria.

A paz universal é ainda uma utopia.

A liberdade porem é já um factio.

A liberdade tem isto de notavel: onde penetra, esclarece tudo; derruba o monumento antigo e levanta um edificio novo; não se contenta de abrir a munificencia de seu seio a alguns individuos só; ella se dirige a todos, lentamente grangêa as affeições de todos, pouco e pouco converte a desigualdade na egualdade, o rei no povo, o aristocrata no cidadão. E si, n'algum ponto do globo, encontra, egualdade politica, civil e religiosa para uma raça de homens somente, mas vê a outros sem direitos nem prazeres, sem esperança nem soccorro, extenuados, macilentos, ignobéis, despresados, accarretando os ferros de todas as oppressões e de todos os crimes, então, por virtude de sua propria natureza, pela força ingente de que Deos dotou-a, ella se dirige ao oppressor e lhe arranca o azorrague, se põe diante o escravo e lhe diz: Levanta-te! Então, nessa terra de lagrimas e tristeza, de vilipendio e maldição outr'ora, se percebe hoje um crescimento de alegria, uma incessante agitação da felicidade. E' que a liberdade produziu ahi para todos, sem excepção de nenhum, a egualdade perante a lei.

Ora a escravidão que, como outros tautos horrores inventados pelo homem, parecia dever réentrar na escuridão do nada deante o raio de luz do christianismo, deante a civilisação deste seculo, deante o dominio da caridade universal, a escravidão, com todas as negras vestes dos tempos de Roma, ainda perdura, ainda mancha vastas porções do mundo conhecido, ainda se sustenta na America, ainda impêra no Brasil!

Como pois extinguir a escravatura? como emancipar o escravo, como fazel-o conhecer os direitos do homem, perceber e provar de todos os elementos de que a vida se compõe?

Variados meios se podem apresentar: mas creio que todos se reduzem aos que vamos enumerar, indirectos uns, directos outros.

No Brasil, como nos Estados-Unidos, entregue a industria agricola e a manufactureira aos braços de negros, era preciso, para mantel-as e dar-lhes vidas, continuamente povoar as cidades e o interior de novos escravos que viessem substituir e incher as faltas que a morte e outras causas, de dia em dia, produzião nas fileiras dos trabalhadores. Por isso recorrerão á importação de africanos. O trafico porem era um escandalo impossivel de tolerar-se, um attentado indesculpavel hoje. A tribuna e a imprensa inglezas muita vez repetirão ardentemente palavras de inthusiasmo e elevação sinceras que devião de calar no animo dos governos livres. Seguirão-se tratados, começou a repressão; afinal o trafico se pode dizer extincto.

Era um grande passo. Não bastava isto porem.

A industria, desprovida de obreiros, lentamente se finava; e o estrangeiro já previa os fructos do monopolio que lhe ião conceder. Mas a previdencia dos estadistas, e o aguilhão do ganho, fizerão pensar nas necessidades do paiz: desde então reclamarão pela colonisação. Eis aqui a verdade, eis aqui o alvo de nossa industria, e de nossa população. O trabalhador europeu emigra para o Brasil e se faz brasileiro, e de outro lado o brasileiro pouco e pouco perde a physionomia que o distingue dos outros povos e se transforma no europeu. No dia em que o habitante do Brasil não fôr senão uma complicada mescla de povos diferentes, nesse dia a escravidão só existirá na historia do passado para insino do futuro.

Mas nem a extineção do trafico, nem a colonisação são meios immediatos. Si d'ora avante o numero de escravos não hade crescer; si o trabalho do europeu civilizado vai substituindo o trabalho do africano rude; si, por esse meio, vai-se desacreditando a escravatura como auxiliar poderoso e unico, em que até hoje era tida, da industria brasileira; si o fabricante e o fazendeiro almeirão libertar-se della, de seus incommodos, e da oscillação de seus productos, não veremos todavia acabar-se para logo a existencia da escravatura. A escravidão converteu-se n'um costume do paiz; é uma tradição, um legado de nossos pais; hade pois conservar-se a todo o trance, atravez de todas as difficuldades, de todas as alterações introduzidas pelo trabalho europeu. Habito do homem da cidade, necessidade do agricultor, habito e necessidade que a ignorancia e a maldade conservão, a escravatura está arreigada no Brasil: e não será nunca por vias indirectas que chegaremos a extinguil-a.

Que meios directos pois se nos offerecem? quaes tem sido applicados? quaes ainda o podem ser?

O atraso de nossa civilisação desculpa um grande erro de todo o nosso passado, e de quasi todo o nosso presente: o governo geral, a administração publica, absorve e s'intromette nas espheras todas do dis-involvimento nacional. Como executor de uma politica, elle avassala a todas; supprime a imprensa, corrompe a tribuna; destrue o magistrado, amordaça o deputado; mero inspector da industria, ella a toma em suas mãos, analysa-a, volve-a, revolve-a, discute-a, modifica-a, transforma-a; contracta o empresario e o obreiro, o fazendeiro e o colono; reúne o capital, distribue o credito; deseja, exige, manda que elle, somente elle, seja o supremo arbitro de tudo. E' a concentração fronceza aclimada no Brasil.

Pois bem: o governo que dispõe de tanta força, de tanto capital, de tanto respeito e garantia, o governo que, desde a côrte até o arraial mais pobre do sertão, penetra por toda parte com seus agentes e seus esbirros, o governo esqueceu,—tem-se esquecido da escravatura!

Não, não se tem esquecido! Lembrou-se alguma vez—ainda mal!—lembrou-se nm instante.... para a promulgação da lei de 10 de Junho de 1835; lembrou-se um momento para manchal-o com sangue de fracos o candido livro de nossas leis criminaes!

E, não obstante, a força de sua autoridade mais de uma vez foi reclamada ainda que debilmente no seio da representação nacional.

O fundador de nossas liberdades, o homem que o passado rene-gou, mas que o presente venera e o futuro bemdirá, José Bonifacio, não abandonou-a em desamparo a pobre raça escrava. No *projecto da constituição* fazia escrever um artigo que recommendava a lenta emancipação dos negros, e a colonisação dos indios; e n'uma representação á Constituinte indicou alguns meios que o corpo legislativo devia promulgar por attingir aquelle alvo. De 23 por diante o publicista não tem penna, o deputado palavras, nem o ministro actos, que realisem aquelle grandioso pensamento de José Bonifacio. Apenas vejo, na actual sessão das camaras, um acreditado orador que se levanta e propõe um imposto sobre os escravos da cidade, afim de fazel-os recuar para o interior do territorio. Mas, concedido que a escravatura se transporte toda para ahi, como emancipal-a depois? Não será acaso mais difficil e mais dispendioso arrancal-a das mãos do fazendeiro, do que libertal-a nas cidades? Esse projecto nem o julgo prompto, nem proveitoso: o imposto não attingirá seu fim.

E' assim; n'um paiz como o Brasil, em que nada se faz que não seja dirigido pela mão do poder, nenhum projecto se discuttiu, nenhuma obra se começou, a respeito da libertação dos escravos.

Felizmente, porem, o poder, que muito vale ao certo em todos os povos, e principalmente naquelles que, ainda acanhados, estreão no mundo da civilisação e da liberdade, felizmente o poder não é a força unica, não é tudo: em derredor d'elle, não existe o abysmo, o chãos, a escuridão, o nada; existe a vida, o movimento, a nação, a sociedade. Pois bem: é á nação, é á sociedade, que nos dirigimos hoje; é

aos brasileiros da industria, do commercio, da agricultura; é ao homem pratico e positivo que desejamos fallar; a estes que conhecem os damnos do trafico e reprimirão o trafico, que conhecem as vantagens da colonisação e importão colonos; que hão de conhecer os immensos males da escravatura e emanciparão os escravos.

Não fallamos embalde; não declamamos, nem pretendemos a honra de haver descoberto a idéa. A emancipação da escravatura por meio de *associações emancipadoras* é hoje um facto. Quando o paiz se agita no mar undivago de uma politica cujos principios são grandes, mas a realisação pequena; quando interesses do momento tomão o tempo ás grandes questões do futuro, aqui e ali, n'alguns pontos do territorio, em meio ás agitações da vida publica e aos furores do ganho, uma voz sumida se ouve a espaços que clama: Emancipação dos negros! São cidadãos independentes de character, fortes de vontade, grandes de pensamento, generosos de coração; são verdadeiros amigos da patria que os vio nascer, que sentem suas dores, conhecem o mal e preparão o remedio; são os filhos dos defensores de Setembro que pronuncião as ultimas palavras do pensamento de liberdade que seus pais fundarão; são brasileiros que, a exemplo dos norte-americanos, creão, dirigem e sustentão sociedades emancipadoras da escravatura.

No momento, porem, em que esta idéa de emancipação desabrocha e floresce, a mocidade brasileira, essa mocidade deante a qual o futuro deve estremecer, a mocidade brasileira, cuja intelligencia e cujo coração não podem reduzir-se ao estreito circulo do presente, a mocidade brasileira aceita a idéa, discute-a, e cuida em promover-lhe execução.

Com effeito, grande numero de nossos collegas, de intelligencia e sentimento superiores ao vulgo, trabalham hoje na discussão dos estatutos da sociedade academica—*Onze de Agosto*,—cujo fim é a emancipação da escravatura.

A emancipação da escravatura é portanto uma realidade. O governo não fez, nem faz nada: mas o brasileiro, reunido em associações comprehende e resolve o problema. Eil-as-ahi: no Rio, na Bahia, em S. Paulo, todas confião na grandeza de seu alvo, e na gloria de seu destino,

Seja bemvindo, pois, este meio, unico directo, de emancipar os escravos!

3 de Setembro de 1857.

A. C. Tavares Bastos.

**O Atheneo Paulistano ao Sr. Ad. Hubert,
Redactor do « Courrier du Brésil. »**

Tão raramente o silencio gelido e pesado que o circunda rompe-se a um brado de sympathia e animação, que o—Atheneo Paulistano— não pôde ouvir sem um estremecimento de jubilo e gratidão, as eloquentes palavras de amisade e acoroçoamento que lhe endereçastes respondendo pelo *Courrier du Brésil* de 9 de Agosto ao offercimento do modesto titulo de seu socio honorario que vos fez. Pelos impulsos do coração e pelos dictames da justiça julga-se elle vosso devedor de um solemne agradecimento, o que ora cumpre por meio de seu jornal.

Deos e a humanidade, eis os dous entes sublimes que attrahem as vistas da verdadeira sciencia e de seus levitas. Aproximar, enlaçar esta áquelle, investigar os meios a isso tendentes e manifestal-os, eis o seu anhelos, eis o seu alvo. A imprensa é a lampada d'ouro ateiada pelo Omnipotente e por sua mão suspensa no alto dos ceos para aclarar as veredas alcantiladas d'essa immensa e gloriosa romaria. Benções áquelles que de coração limpo concorrem para alimentar o sagrado fogo da alampada, esses são os ungidos de Deos e da humanidade. Quer nos livros quer nas folhas periodicas depositem seus pensamentos e doutrinas, satisfazem um grande dever, destinão-se á uma gloria immareavel.

Vós animado pelo amor do sacerdocio humanitario que todo digno soldado da imprensa exerce, tendes sabido manter com quasi só vossos recursos e sobrelevando difficuldades muitas e terriveis, uma folha independente, util ás letras e a unica que presta ao Brasil o relevante serviço de em uma lingua universal fallar d'elle á Europa, offercendo-lhe dados acerca de seu estado, de suas riquezas e civilisação. Por sobejos titulos merecieis portanto a adhesão dos membros do—Atheneo Paulistano—que hoje vos pedem aceiteis a sincera expressão de seu reconhecimento pelo procedimento que com elles tivestes, e que vos declarão que offercendo-vos um lugar entre seus socios honorarios não fizerão mais do que pagar um tributo ao merito do estrangeiro illustrado que tão munificentemente ha sabido retribuir a hospitalidade que encontrou na formosa e heroica terra de Santa Cruz.

aos brasileiros da industria, do commercio, da agricultura; é ao homem pratico e positivo que desejamos fallar; a estes que conhecem os damnos do trafico e reprimirão o trafico, que conhecem as vantagens da colonisação e importão colonos; que hão de conhecer os immensos males da escravatura e emanciparão os escravos.

Não fallamos embalde; não declamamos, nem pretendemos a honra de haver descoberto a idéa. A emancipação da escravatura por meio de *associações emancipadoras* é hoje um facto. Quando o paiz se agita no mar undivago de uma politica cujos principios são grandes, mas a realisação pequena; quando interesses do momento tomão o tempo ás grandes questões do futuro, aqui e ali, n'alguns pontos do territorio, em meio ás agitações da vida publica e aos furores do ganhão, uma voz sumida se ouve a espaços que clama: Emancipação dos negros! São cidadãos independentes de character, fortes de vontade, grandes de pensamento, generosos de coração; são verdadeiros amigos da patria que os vio nascer, que sentem suas dores, conhecem o mal e preparão o remedio; são os filhos dos defensores de Setembro que pronuncião as ultimas palavras do pensamento de liberdade que seus pais fundarão; são brasileiros que, a exemplo dos norte-americanos, creão, dirigem e sustentão sociedades emancipadoras da escravatura.

No momento, porem, em que esta idéa de emancipação desabrocha e floresce, a mocidade brasileira, essa mocidade deante a qual o futuro deve estremecer, a mocidade brasileira, cuja intelligencia e cujo coração não podem reduzir-se ao estreito circulo do presente, a mocidade brasileira aceita a idéa, discute-a, e cuida em promover-lhe execução.

Com effeito, grande numero de nossos collegas, de intelligencia e sentimento superiores ao vulgo, trabalhão hoje na discussão dos estatutos da sociedade academica—*Onze de Agosto*,—cujo fim é a emancipação da escravatura.

A emancipação da escravatura é portanto uma realidade. O governo não fez, nem faz nada: mas o brasileiro, reunido em associações comprehende e resolve o problema. Eil-as-ahi: no Rio, na Bahia, em S. Paulo, todas confião na grandeza de seu alvo, e na gloria de seu destino,

Seja bemvindo, pois, este meio, unico directo, de emancipar os escravos!

3 de Setembro de 1857.

A. C. Tavares Bastos.

**O Atheneo Paulistano ao Sr. Ad. Hubert,
Redactor do « Courrier du Brésil. »**

Tão raramente o silencio gelido e pesado que o circunda rompe-se a um brado de sympathia e animação, que o—Atheneo Paulistano— não pôde ouvir sem um estremecimento de jubilo e gratidão, as eloquentes palavras de amisade e acoroçoamento que lhe endereçastes respondendo pelo *Courrier du Brésil* de 9 de Agosto ao offerecimento do modesto titulo de seu socio honorario que vos fez. Pelos impulsos do coração e pelos dictames da justiça julga-se elle vosso devedor de um solemne agradecimento, o que ora cumpre por meio de seu jornal.

Deos e a humanidade, eis os dous entes sublimes que attrahem as vistas da verdadeira sciencia e de seus levitas. Aproximar, enlaçar esta áquelle, investigar os meios a isso tendentes e manifestal-os, eis o seu anhelos, eis o seu alvo. A imprensa é a lampada d'ouro ateiada pelo Omnipotente e por sua mão suspensa no alto dos ceos para aclarar as veredas alcantiladas d'essa immensa e gloriosa romaria. Benções áquelles que de coração limpo concorrem para alimentar o sagrado fogo da alampada, esses são os ungidos de Deos e da humanidade. Quer nos livros quer nas folhas periodicas depositem seus pensamentos e doutrinas, satisfazem um grande dever, destinão-se á uma gloria immareavel.

Vós animado pelo amor do sacerdocio humanitario que todo digno soldado da imprensa exerce, tendes sabido manter com quasi só vossos recursos e sobrelevando difficuldades muitas e terriveis, uma folha independente, util ás letras e a unica que presta ao Brasil o relevante serviço de em uma lingua universal fallar d'elle á Europa, offerecendo-lhe dados acerca de seu estado, de suas riquezas e civilisação. Por sobejos titulos merecieis portanto a adhesão dos membros do—Atheneo Paulistano—que hoje vos pedem aceiteis a sincera expressão de seu reconhecimento pelo procedimento que com elles tivestes, e que vos declarão que offerecendo-vos um lugar entre seus socios honorarios não fizerão mais do que pagar um tributo ao merito do estrangeiro illustrado que tão munificentemente ha sabido retribuir a hospitalidade que encontrou na formosa e heroica terra de Santa Cruz.

POESIAS.**A' MEMORIA****de Alvares de Azevedo.****UMA LEMBRANÇA.**

Cantôr da morte, filho da tristeza,
Que vais nas tumbas modular teu canto,
Vem de amores morrer junto á meu peito,
Vem no meu seio derramar teu pranto.

Não chores pela vida... Esse delirio,
Esse affan pelas glorias do porvir,
Como o fumo dissipão-se. Olha ao longe,
Que além novo horisonte vai surgir.

Filho da dôr, não vês que ao sol da vida
Se dispersão as nuvens da tristeza ?
Adormece em meu collo ; ao despertares,
Vive, sorri, contempla a natureza.

Nas regiões ethereas do infinito
Deixa livre teu genio espairecer :
Lá, ha glorias, amores e venturas ;
Aqui, tristes lembranças de morrer.

Não crês em Deus ? maldizes teu futuro ?
Nem crês no meu amor ?... Porque sentidas
Estas lagrimas tristes se deslisão
Pelas faces, na côr elanguecidas ?

Poeta louco por amante e gloria,
Viajôr pela noite surprehendido,
Ah ! não manchem teus labios as blasphemias,
As canções de agonia do perdido !

Sim : deixa para Deos voar teu genio
Ebrio de crenças, de futuro e amor :
Não chores pelo mundo ; em seus banquetes
Só libamos a taça do amargor.

Cantor da morte, filho da tristeza,
Não vás nas tumbas modular teu canto,

Vem de amores viver junto á meu peito,
Vem nos meus braços enchugar teu pranto.

Rio, 21 de Fevereiro de 1857.

Macedo Soares.

A TRANSVIADA.

Au lieu de sang dans ses veines circule
Um froid poison qui les gèle et les brûle.

.....
Sur son visage habite la pâleur
Et dans son sein triomphe la douleur
Qui sans relache à son ame infectée
Fait éprouver le sort de Prométhée.

(J. B. ROUSSEAU.)

E' ella! a misera e errante transviada
Que procura, meu Deos, do tempo o abrigo
Como pallida vem, como vem triste,
Soltando do seu peito o pranto imigo.

Ella! a eximia cantora do passado!
Hoje enlodada em saturnaes immundas
Ebria de vinhos, meretriz das praças,
Que tem no coração chagas bem fundas:

Soluça a triste e misera vendida,
De frio e fome os membros tiritando,
E emquanto espera do fiel a esmola,
O denudado peito vai rasgando.

« Agasalho á maldicta!... á transviada! »
Torcendo o corpo em convulsões exclama:
« Fujão... fujão de mim, que sou perdida! »
Os andrajos mordendo a pobre clama.

« Fui feliz, fui bem ditosa,
« Já gosei doce ventura,
« Hoje sou pobre mendiga,
« Escrava da desventura.

« Tive palacios e carros,
« Do mundo já fui rainha,

POESIAS.**A' MEMORIA****de Alvares de Azevedo.****UMA LEMBRANÇA.**

Cantôr da morte, filho da tristeza,
 Que vais nas tumbas modular teu canto,
 Vem de amores morrer junto á meu peito,
 Vem no meu seio derramar teu pranto.

Não chores pela vida... Esse delirio,
 Esse affan pelas glorias do porvir,
 Como o fumo dissipão-se. Olha ao longe,
 Que além novo horisonte vai surgir.

Filho da dôr, não vês que ao sol da vida
 Se dispersão as nuvens da tristeza ?
 Adormece em meu collo ; ao despertares,
 Vive, sorri, contempla a natureza.

Nas regiões ethereas do infinito
 Deixa livre teu genio esparecer :
 Lá, ha glorias, amores e venturas ;
 Aqui, tristes lembranças de morrer.

Não crês em Deus ? maldizes teu futuro ?
 Nem crês no meu amor ?... Porque sentidas
 Estas lagrimas tristes se deslisão
 Pelas fâces, na côr elanguecidas ?

Poeta louco por amante e gloria,
 Viajôr pela noite surprehendido,
 Ah ! não manchem teus labios as blasphemias,
 As canções de agonia do perdido !

Sim : deixa para Deos voar teu genio
 Ebrio de crenças, de futuro e amor :
 Não chores pelo mundo ; em seus banquetes
 Só libamos a taça do amargor.

Cantor da morte, filho da tristeza,
 Não vás nas tumbas modular teu canto,

Vem de amores viver junto á meu peito,
Vem nos meus braços enchugar teu pranto.

Rio, 21 de Fevereiro de 1857.

Macedo Soares.

A TRANSVIADA.

Au lieu de sang dans ses veines circule
Um froid poison qui les gèle et les brûle.

.....
Sur son visage habite la pâleur
Et dans son sein triomphe la douleur
Qui sans relache à son ame infectée
Fait éprouver le sort de Prométhée.

(J. B. ROUSSEAU.)

E' ella! a misera e errante transviada
Que procura, meu Deos, do tempo o abrigo
Como pallida vem, como vem triste,
Soltando do seu peito o pranto imigo.

Ella! a eximia cantora do passado!
Hoje enlodada em saturnaes immundas
Ebria de vinhos, meretriz das praças,
Que tem no coração chagas bem fundas:

Soluça a triste e misera vendida,
De frio e fome os membros tiritando,
E emquanto espera do fiel a esmola,
O denudado peito vai rasgando.

« Agasalho á maldieta!... á transviada! »
Torcendo o corpo em convulsões exclama:
« Fujão... fujão de mim, que sou perdida! »
Os andrajos mordendo a pobre clama.

« Fui feliz, fui bem ditosa,
« Já gosei doce ventura,
« Hoje sou pobre mendiga,
« Escrava da desventura.

« Tive palacios e carros,
« Do mundo já fui rainha,

« Sou vendida! fui perjura
 « Quando era bonitinha.

« Lauta mesa tinha então,
 « Ricos vinhos derramava,
 « Hoje, pobre, peço um pão,
 « Aquelles que eu fartava.

« Elles riem-se dando a esmola,
 « Por me ver assim perdida,
 « Foi por elles que eu pequei
 « E por elles sou vendida.

« Ah! ah! ah! como sou louca
 « Em me lembrar do passado
 « Culpa não..... não tive eu
 « Foi sina do triste fado.

« Todos me chamão de louca
 « E ninguem me mata a fome
 « Dai-me pão! um pouco d'agua!
 « Oh meu Deos.... em vosso nome.

Eis a passada cantora dos triumphos!
 Ella, quem por tapete teve as flôres!
 Meu Deos! ah quantas vezes soberana
 Rio-se, quem sabe, dos fieis amores.

Mas hoje tem por leito a pedra fria
 Onde se estorce em cynicos furores,
 Tem as ruas e o ceo por casa e tecto
 E por sonhos, coitada, horriveis dores!

23 de Março de 1856.

J. T. Nabuco de Araujo.

UMA LAGRIMA

NO ALBUM D'UMA DONZELLA.

Pleure!... Pleure!... sans espoir!

Ingenua donzella, não rias do bardo,
 Que canta seus males em lyra de dôres,

Não rias donzella, donzella feliz,
E' virgem teu somno, pois sonhas com flores.

Ingenua donzella, tu pranto não tens,
D'amor não és presa, não vives com dôr:
Virgineos sorrisos a mente te embalão,
E eu desgraçado só tenho langôr.

Ingenua donzella, no leito teu dormes
O somno de virgem tão casto e perfeito,
Teu seio mimoso s'anceia d'esp'ranças,
E eu nas insomnias estalo meu peito.

Ingenua donzella, na fronte formosa
Tu guardas risonha, risonho porvir,
Esperas, donzella, esperas venturas,
E eu sem esp'ranças só posso carpir.

Ingenua donzella, nos olhos teus bellos
Alegre desenhás um lance da sorte
Tu sonhas com elle, p'ra elle tu vives,
E eu succumbido só penso na morte.

Ingenua donzella, teus risos são flores
Que buscão, que querem, que pedem cultor,
São prendas, são mimos de teus jovens dias,
E eu sou escravo de acerbo rigor.

Ingenua donzella, tu és descuidosa
Da vida que passas alegre sorrindo,
Tu zombas das magoas, os males desprezas,
E eu sem ventura só vivo carpindo.

Ingenua donzella, teus labios corados
Na taça de fel jamais se mancharão,
Tu sempre libastes a doce ambrosia,
Meus lividos labios a taça esgotarão.

Ingenua donzella, tu és venturosa,
Tu chamas o mundo ceeste mansão
As scenas da vida feliz te recreião,
As scenas da vida p'ra mim negras são.

Ingenua donzella, no ceo azulado
Teus olhos brilhantes a lua contemplão,
Teu seio tão puro de gosos palpita,
Os raios da lua meus males augmentão.

Ingenua donzella, no seio teu casto
Encerras bem livre o teu coração,
Feliz tu disfructas teu fado querido,
E eu malfadado deliro em paixão.

E pois não te rias donzella do bardo,
Que canta seus males em lyra de dôres,
Não rias donzella, donzella feliz,
E' virgem teu sonho, pois sonhas com flôres.

Icarahy 10 de Março de 1856.

J. T. Nabuco de Araujo.